PAULA ARAGÃO DE CARVALHO

NICE

COMO MEDIADORA DE AFETOS

FORTALEZA 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE DESIGN

NICE COMO MEDIADORA DE AFETOS

O FORTALECIMENTO DO FEMININO POR MEIO DAS REDES ARTÍSTICAS

PAULA ARAGÃO DE CARVALHO

APROVADA EM:
___/___/_____.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CURSO DE DESIGN DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ COMO REQUISITO FINAL À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM DESIGN

ORIENTADORA PROFA. DRA. CLAUDIA TEIXEIRA MARINHO

BANCA EXAMINADORA

_____
PROFA. DRA. CLAUDIA TEIXEIRA MARINHO (ORIENTADORA)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

_____
PROFA. DRA. CAMILA BARROS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

_____
PROFA. MSC. MANUELA FÁTIMA PAULA DE MEDEIROS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

AGRADECIMENTO

Obrigada aos amigos, familiares e mestres, de coração. Sou quem sou, porque estão ao meu lado.

Minha jornada acadêmica, foi longa e cheia de emoções. Assim como Nice, eu tenho várias Paulinhas dentro de mim que quis desbravar ao longo dessa caminhada, talvez, por isso minha grande identificação e inspiração para esta monografia. A busca pelo o que realmente me completa segue, sendo um desses sonhos, o Design.

Meu mais profundo agradecimento à minha família. Obrigada mãe, por acreditar tanto em mim e me dar força para trilhar meus sonhos. Obrigada pai, pelo mais sincero amor e suporte da vida. Obrigada, queridos irmãos, Gabriel e Vitor, por dividirem as raízes e por estarem ao meu lado mesmo na distância. Amo vocês.

Muito obrigada Yago Fernando, por tanto carinho e apoio. Marina Braga por me encorajar a concluir esse ciclo. Josias Ferreira por ir à campo comigo registrar memórias. Minha madrinha, Marta Girão, por seus bordados que me deram luz para esse projeto.

Meu muito obrigada à Nice Firmeza, minha eterna professora, à quem devo enorme admiração. Obrigada Lourdinha, sua filha, por quem pude relembrar memórias antigas e por abrir as portas da sua casa e de seu coração. Você é parte insubstituível desse momento na minha vida. Gratidão.

Meu mais sincero obrigada à professora Cláudia Marinho pela orientação que me deu, pela paciência que teceu nos últimos anos e por compreender tão bem o meu tempo.

Muito obrigada,
Paulinha Aragão

MANDALAS (À NICE)

MARLY VASCONCELOS

Círculos iluminados invadem a noite,
figuras de equilíbrios e voos.
Líquidas memórias e caleidoscópios
desenredam-se, pulsam girassóis nas
pétalas de outras flores.
Cada círculo é o universo.
Vida, morte, destino, sabedoria, beleza,
força que une. [...]
Metáforas desconhecem o medo.
E os círculos espalham outras cores que
revelam jardins, biombos, plurais,
harmonias e purezas.

MANDALAS. CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO.
MUSEU DO CEARÁ, 2005.

RESUMO

A presente investigação procura refletir sobre a vida e obra da artista cearense Nice Firmeza e ser contribuição para estudos posteriores na área do Design Gráfico no que se refere a disseminação de conhecimentos de natureza visual e material, traduzidos em um livro-objeto. Os mecanismos de coleta de dados são frutos da análise de material, proposto pela crítica genética (garimpagem de dados, anotações, análise documental, observações, entrevistas, conversas, diários, pesquisa de campo) e apresentados nessa pesquisa através do Design. Ao analisar a vida e arte de Nice Firmeza, procura dar visibilidade as redes de relações sociais e poéticas que ela construiu ao longo de sua vida, legitimando, assim, sua grande importância no cenário contemporâneo como artista e mulher, principalmente, para a sociedade cearense.

Palavras-chave: Design Gráfico; Teoria-Ator Rede; Pesquisa através do Design; Livro-objeto; Bordado; Nice Firmeza.

ABSTRACT

The research reflects on Nice's life and working and has the power to improve Graphic Design studies with focus in an object book. All the knowledge was fruit of material analysis, proposed by genetic critique (annotations, documentary analysis, observations, interviews, conversations, journals, field research) and presented in this research through Design. Studying art and life of Nice Firmeza, we wanna to give visibility to the social networks and poetic relations she has built throughout her life. Besides that, we want to show her great importance in the contemporary scenario as an artist and woman of Ceará.

Keywords: Graphic Design; Theory-Actor Network; Research through Design; Book-object; Embroidery; Nice Firmeza.

SUMÁRIO

09 INTRODUÇÃO

13 AS REDES DE NICE

76 ESTADO DA ARTE

99 METODOLOGIA

104 REGISTRO DE CAMPO

117 PROJETO GRÁFICO

132 CONSIDERAÇÕES FINAIS

134 BIBLIOGRAFIA

AS REDES DE NICE

15 INTRODUÇÃO À NICE
20 NICE PINTORA
24 O SALÃO DE ABRIL
27 FASES DE NICE
31 MINI MUSEU
36 NICE BORDADEIRA
47 NICE MULHER
55 NICE E AS CRIANÇAS
61 DEPOIMENTO SOBRE O CASAL
63 DEPOIMENTO DOS AMIGOS
68 DIÁRIO DE NICE
73 EXPOSIÇÕES

INTRODUÇÃO

O curso de Design da Universidade Federal do Ceará aborda o tema artesanato desde as primeiras disciplina ofertadas, tendo em vista que essa importante manifestação cultural é muito significativa para a identidade não só do nosso estado, mas também de nosso país. Desde o princípio do curso os professores nos ensinam a pensar o artesanato com um olhar diferenciado, valorizando esse trabalho e aprendendo que as habilidades e as técnicas usadas pelos artesãos são fontes inesgotáveis de aprendizado.

O processo de produção de conhecimento referente a este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, teve início em uma pesquisa sobre artesanato feita para a disciplina de Projeto de Produto 1, no terceiro semestre do curso de Design da Universidade Federal do Ceará. O artesanato escolhido como objeto de pesquisa na época foi a renda, e o locais escolhidos para estudo de campo foram: o Iguape e a Prainha de Aquiraz, respectivamente. Durante o decorrer do curso me deixei envolver em debates, projetos e pesquisas a respeito da temática, o artesanato cearense, em especial do tecer. No ano de 2016 e 2017 participei de um projeto de extensão denominado “Corpecendo”, desenvolvido no mestrado em artes no departamento de moda – ICA, em que discutimos a valorização do ofício do tecer. No decorrer da pesquisa acima citada, a proximidade com as rendeiras permitiu que fosse sentida de perto, suas vivências, seus valores e memórias.

Sendo assim, como forma de registro dos dados coletados durante a pesquisa e com o objetivo de aproximar a arte do tecer ao ambiente universitário como forma de valorização, foi realizado um seminário dentro do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design denominado "A linha, a trama e o tecer". Este evento, muito aplaudido, nos aproximou ainda mais do grupo de mulheres em nosso estado que tem o tecer (aqui refiro-me às mais variadas formas do tecer, mas principalmente o bordado e a renda) como hobby, profissão ou simplesmente por admiração. O seminário trouxe à tona também, várias discussões e idéias, assim como vários nomes importantes do cenário, como o de Nice Firmeza, sendo este, provavelmente, o nome mais comentado como uma das grandes mestras da difusão do bordado cearense.

Essa pesquisa tem um toque de historicidade, por se tratar da vida e arte de Nice Firmeza. Por ter sido uma artista atuante, na metade do século passado, é nítido o poder de influência que Nice exerceu, ao movimentar a cena cultural da cidade, principalmente ao representar uma minoria: o grupo de mulheres ligado à produção artística local. Sendo assim, Nice atua no fortalecimento do feminino, utilizando-se de algumas de suas práticas artísticas cotidianas, de uma maneira natural e intuitiva. Após todo o envolvimento na pesquisa, a maturação do aprendizado deu início a este trabalho que tem como objetivo apresentar o valor cultural, social e pessoal que Nice Firmeza trás em sua história.

Nesse trabalho de conclusão de curso, falaremos sobre a disciplina do Design Gráfico enquanto ferramenta de transmissão e disseminação do conhecimento. Conceituaremos o livro-objeto e o apresentamos como nossa escolha de suporte para realização de nosso projeto gráfico. Trazemos, também, nosso objeto, conteúdo de natureza visual, a apresentação da vida e obra de Nice Firmeza para, finalmente, documentarmos os resultados de nosso experimento sensorial projetual gráfico, o livro-objeto.

Ao adentrar no mundo de Nice, surge um questionamento: Como a artista Nice Firmeza, cria uma rede de interações e acontecimentos ao materializar suas obras como estratégia de fortalecimento do universo feminino em Fortaleza?

Para responder essas e outras perguntas que foram surgindo ao longo do estudo, o trabalho aqui apresentado, propõe um projeto gráfico a partir da imersão na vida e obra da artista cearense Nice Firmeza, além de compreender seu caráter híbrido como expressão artística e mediadora de afetos femininos.

Para alcançar tais objetivos, se faz necessário também, entender a relação das redes de interação do universo de Nice Firmeza com as práticas da pesquisa através do design. Além disso, é preciso estudar quem foi a artista plástica Nice Firmeza e entender qual sua influência histórica, artística e revolucionária para a sociedade feminina cearense.

Sendo objeto final uma coletânea de afetos, sensações e impressões que despertam a criatividade como questões de interesse de ordem social e subjetiva, é de extrema importância explorar o livro como meio de realização e apresentação de pesquisas sobre processos produtivos-criativos de artistas. Além disso, para se chegar a esse objetivo final, fazemos um resgate da vida e obras de Nice Firmeza, concretizando as redes de relações à ela acionadas em diferentes suportes que reflete na peça gráfica.

Mas por que pesquisar Nice Firmeza? A motivação da pesquisa faz parte de uma relação pessoal com a artista Nice Firmeza. Fui aluna da artista desde os 3 anos de idade, com o passar dos anos, minha família se tornou próxima de sua família e acredito que muito do que sou hoje tenha partido de princípios por ela me ensinados. Além disso, o destaque de suas obras no cenário artístico cearense, assim como a importância da releitura de sua trajetória pessoal, me incentivaram à escolha do tema.

Img 1 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

A pesquisa aqui desenvolvida tem uma enorme relevância para a sociedade, principalmente a feminina, pelo fato de relacionar as obra de Nice Firmeza com sua vida pessoal e assim se fazer uma releitura dos valores da época em que ela viveu com seu modo de pensar, bem à frente de seu tempo. Entendimento e discussão essa, jamais antes abordada em suas biografias.

Destaco também as possíveis contribuições que a realização dessa pesquisa poderá oferecer à sociedade. Por meio do exemplo de vida de Nice Firmeza, a pesquisa identifica um outro modo de se pensar e de se contribuir com as conquistas femininas. Além disso, realço a importância desse projeto por meio do produto final – peça gráfica - já desenvolvido. Um livro-objeto que trás Nice como mediadora de afetos e sociabilidade a partir de suas obras e modo de encarar a vida, além de me adicionar como integrante de sua rede de interação.

AS REDES DE NICE

AS REDES DE NICE

Este capítulo denominado fundamentação teórica, traz a descrição de meu objeto de pesquisa, Nice firmeza. Apresento-a em suas várias redes de conexão, como mulher, pintora, bordadeira, cozinheira, professora, esposa, mãe, amiga e, sobretudo, artista. Nice, sendo símbolo destes dizeres, deve ser estudada. Seu saber-fazer deve ser sistematizado como contribuição para este conturbado e sonhado mundo das artes.

Uma mulher que teve sua vida relacionada com arte desde a infância, que teve suas descobertas e conhecimentos embasados em sua prática e sua aprendizagem ampliada nas relações com outros artistas e movimentos importantes da História das Artes Plásticas do Ceará. Uma artista engajada e comprometida com o desenvolvimento desta História. Com atuação reconhecida como mulher que criou seu estilo próprio, principalmente na arte de bordar,

destacando-se por produções artísticas que superavam os modelos preestabelecidos.

Mestra da cultura, professora de pintura para incontáveis crianças, professora de vida, também ensinou bordado a adultos que sonhavam com linhas e agulhas, além de uma exímia cozinheira e melhor amiga das flores. Sua vida daria um romance, sua personalidade um manual de psicologia, a atividade pedagógica um livro didático, sem falar no vigor e a gastronomia que oferecem material digno de estudo. A natureza era sua maior fonte de inspiração, as pessoas, as coisas, enfim, tudo podia ser motivo para pintar, bordar, cozinhar e até escrever.

A sensibilidade e a singularidade de suas produções artísticas se constituem como referências que podem estabelecer a mediação entre a tradição da mulher cearense, suas raízes de estética familiar e profissionais do magistério no seu direito ao conhecimento.

Nice era assim: um leque de habilidades artísticas: pintura, educação, bordado, arte - culinária. Sendo assim, a escolha da artista como meu objeto de estudo, decorre da percepção de todos essas redes e conexões que ela criou

INTRODUÇÃO À NICE

Img 2 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Natural de Aracati, Maria de Castro Firmeza, ou apenas Nice Firmeza, nasceu em 18 de Julho de 1921, numa família de 9 filhos, sendo a mais nova e a caçula da família e a única mulher. Sua história de vida tem passagens instigantes e diferentes, a começar pelo próprio nome. Dona Hermínia Castro Osório e o Sr. Francisco Osório de Andrade, os pais de Nice, estavam felizes com a chegada daquela filha, haviam tido outra filha que se chamou Maria e que cedo faleceu. Que nome dar a ela? Maria não, porque temiam que ocorresse com esta o mesmo que com a outra Maria. Por conselho de uma tia, a menina receberia, na pia Batismal, o nome de Maria Nice. Mas o Monsenhor Bruno não batizava nomes que não fossem de santo - "Maria eu batizo, Nice, vocês chamam em casa". E assim, se fez.

A artista começou cedo a manifestar tendência para as artes, ao expressar alguma criatividade. Transitou entre as cortinas do teatro,

participando de algumas peças, fantasiando-se de adulto e apresentando-se publicamente com o teatro. O bordado foi outra tendência artística manifestada cedo por Nice e na pintura foi justamente onde seu talento foi primeiro reconhecido.

Nice concluiu os cursos que sua cidade oferecia, vindo para Fortaleza completar os estudos no ano de 1933, aos doze anos de idade. Nessa época ela já pintava. Havia aprendido pintura com uma freira em Aracati- CE, ou seja, desde muito cedo já demonstrava o gosto e inclinação para as habilidades artísticas. Nesse mesmo período houve o desestímulo por parte de umas das freiras, ocasionado pela resistência de Nice às cópias, como afirma artista em um relato biográfico:

> Quando eu vim para cá, para Fortaleza, eu já pintava. Tinha aprendido com uma freira lá em Aracati. Ela era das salesianas. Irmã Margarida. Mas era cópia. Eu não gostava de cópia. Ela dava um cartão postal, mandava quadricular e desenhar. Eu fazia as minhas modificações. Um dia, ela mandou chamar a minha mãe e disse que não ia me ter mais como aluna, porque eu tinha um defeito visual. Que eu via uma coisa e fazia outra". (SOEIRO, 2011, p. 14).

Img 3 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto**

A semente de uma rebeldia que levaria pela vida afora, uma inquietação que a encaminharia para a arte. Nice Firmeza foi uma mulher dedicada e corajosa que sempre lutou em busca de seus objetivos.

Ainda jovem e recém chegada em Fortaleza, teve sua única filha, Lourdinha, com seu primo por parte da família paterna. Um romance passageiro que geraria traumas e conflitos familiares. Nice Firmeza estava à frente de seu tempo. Sua maneira de pensar, de agir, sua rebeldia em não aceitar as coisas conforme os padrões que a sociedade da época impunha, fizeram com que ela contribuísse para a visibilidade da mulher, principalmente como artista. Segundo o amigo e pintor Fernando França, em Mostra e Livro "Diálogos", 2011:

> Nice fez da vida uma obra de arte. Atravessou os tempos inventando o seu próprio tempo".

No início da década de 1950, o Ceará estava vivendo o que podemos chamar de efervescência cultural. Foi nesse cenário que a artista iniciou sua carreira nas artes plásticas, sendo a primeira mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP, como aluna do curso Livre do Desenho e Pintura e de Iniciação à História da Arte. Foi lá onde conheceu Nilo Firmeza, o Estrigas, grande artista plástico e pesquisador cearense, que viria a ser seu companheiro até o final da vida. Os dois eram participantes ativos dos movimentos artísticos no cenário local e nacional.

Com seu apurado senso de cor e forma, sua pintura revela a essência das coisas como se cada obra fosse um poema visual ofertado a celebrar a vida. Nos anos que se seguiram, Nice Firmeza expôs sua arte em dezenas de mostras coletivas e individuais, como Salões de Abril de (1951, 1958, 1968, 1971 e 1978), além da participação na primeira mostra de inauguração do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC, em 1961. Com o passar dos anos seus trabalhos foram ganhando notoriedade, tanto no Brasil como na Europa.

A arte estava tão ligada à vida de Nice que ela fez de sua residência um museu, mais conhecido por “Mini-Museu Firmeza”, localizado no Mondubim, um bairro de Fortaleza. A casa também era ponto de encontro de artistas e intelectuais da cidade. Nice dedicou-se a ensinar arte para crianças no conservatório de música Alberto Nepomuceno e também ensinou bordado para mulheres em sua casa.

"Sou muito inquieta, estou sempre inventando
algo e tenho o maior prazer em ensinar bordado,
pintura e culinária para outras pessoas.”[1]

No que se refere ao bordado, Nice Firmeza se destacou entre tantas artesãs existentes no Ceará, como as rendeiras e bordadeiras. O destaque

[1](SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 17).

Img 4 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto

da arte de Nice está no que chamamos de “espaço da diferença”, ou seja, da criação, cujos temas se enlaçam e se cruzam em forma de flores, mandalas e outras composições artísticas. O que chama a atenção nos trabalhos de Nice é o fato dela criar e não somente copiar, imprimindo à arte no bordado à mão, o que ela mesmo chama de “pintura em linha”.

Cada vez mais a arte de Nice Firmeza foi ganhando notoriedade e em 2007 ela recebeu da Secretaria da Cultura do Estado – SECULT, o título de Tesouro Vivo. Sua popularidade e contribuição para a cultura cearense rendeu à ela uma grande notoriedade na mídia local, recebendo homenagens em vários livros, como por exemplo, no livro “Mãos que fazem história - a vida e a obra dos artesãos cearenses”, 2012, produzido por um jornal local e pelas jornalistas Cristina Pioner e Germana Cabral. Outra publicação que se destaca, é o livro NicEstrigas: arte e afeto, pela Terra da Luz Editorial (2014), organizado por Bené Fonteles. Este livro apresenta fatos da vida e da obra do casal traduzidos em histórias e registro fotográfico objetivando a preservação da memória de ambos e tornando-se públicas as lembranças e a memória pessoal e a coletiva dos artistas em foco.

Nice Firmeza faleceu em Abril de 2013, aos 91 anos de idade. Sua morte foi noticiada através de diversos meios de comunicação enfatizado a sua contribuição e o legado deixado para os artistas e para a cultura cearense.

NICE PINTORA

Na escola onde estudava, Nice era considerada deficiente visual em artes, porque jamais fazia as cópias das figuras apresentadas pela freira professora de arte. A religiosa não compreendia porque aquela menina não cumpria seus deveres. Os quadros de Nice jamais foram à exposição do colégio, por esta razão.

Como a vida é cheia de segredos, um dia chega em Aracati um pintor amigo de um artista da cidade. Ele iria expor seus quadros na farmácia. Nice, avisada por uma amiga, foi ver a exposição. O pintor vendo a admiração daquela menina, perguntou se ela gostava de pintura. - "Gosto, mas, infelizmente não dou para isso", responde Nice se baseando na opinião de sua professora de arte.[2]

No colégio de Nice, também havia outra exposição, a das alunas. Avisado sobre aquela exposição, o artista pintor foi até lá, onde soube, pela professora de Nice, os motivos da falta de dotes artísticos da aluna Nice. Pediu para ver os quadros "errados"da menina. Surpresa! O artista

[2](SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 8).

reconheceu naqueles trabalhos rejeitados a única artista daquela exposição. A professora não possuía conhecimentos e critérios que lhe permitisse reconhecer uma sementinha artista. "O pintor deixou um bilhete para mim, dizendo que se eu quisesse ter aula com ele, fosse encontrá-lo há tal hora", comenta Nice no livro de Alberto Rodrigues, intitulado Conversas com Nice.

Nice recebeu do professor o conselho de esquecer todos os ensinamentos da freira. "Olhem para a paisagem, escolham o trecho que vocês acharem mais bonito e pintem do jeito que acharem ser o certo, com as cores que quiserem". Ele não quis pagamento, mas afirmou que Nice abandonasse as aulas de arte das freiras e ficasse com sua primeira obra de arte (aquela que ela havia pintado em sua aula):

Img 5 • **Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)**

> Se um dia for à capital procure uma escola que ensine pintura e não de arte".

Foi assim, o pintor Vidal, abriu as portas da arte para ela.

Anos passaram e Nice mudou-se para Fortaleza. Seu vizinho no bairro Jacarecanga, João Siqueira (um grande artista), foi à ponte para que ela chegasse à Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP.

> "Quando minha mãe veio para Fortaleza, nós fomos morar em Jacarecanga, num apartamento do Pedro Filomeno, E o vizinho morava o João Maria Siqueira. Um dia, eu estava na janela, tentando desenhar a saída do pessoal de uma fábrica, que funcionava defronte ao apartamento, quando ouvi uma voz atrás de mim: "Você gosta de desenhar?" Eu tomei um susto tão grande que soltei a tela. Aí eu disse: "Não, eu não sei desenhar não. "Fiquei toda atrapalhada. Ele disse: "Olhe, eu sou pintor e moro vizinho a sua casa. Tenho muitos trabalhos. Se você quiser olhar estão à sua disposição. " Aí, eu fiz amizade com a sogra e a mulher dele, D. Zolita, só para ir olhar os quadros. A sogra dele gostava de jogar gamão e queria uma parceira, pois não tinha quem jogasse com ela. Eu aprendi a jogar. Ficava sempre sentada em frente dos quadros. Levava tanto gamão... Só prestava atenção nos quadros. Então, um dia, o João Siqueira me disse: " Olha, quantas pessoas como você tem vontade de aprender a desenhar e não tem onde. Eu vou propor lá na SCAP, a organização de um curso de desenho, para quem quiser aprender". Ele propôs. A idéia foi aceita e ele botou meu nome. Assim, eu fui a primeira aluna inscrita no curso livre de desenho e pintura da SCAP. Aí eu comecei a frequentar exposições com ele e a esposa dele. Eu os conheci em 1949. E em 1950, começou a funcionar o curso de SCAP. (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 9 -11).

Nice foi a primeira mulher a inscrever-se num dos cursos da SCAP, em 1950 e frequentou os cursos Livres da SCAP até 1958. Nesta época, também exerceu o cargo de secretária da Diretoria do local. A SCAP foi o ponto culminante da vida artística da Nice. Sua aprendizagem foi intensa e profunda. Aprendeu todas as técnicas de pintura. Uma das formas de Estudo era pintar ao ar livre. A aula que era dada ao ar livre era chamada de "Picnicart". Faziam picnicart em vários pontos da cidade, desde a Barra do Ceará à praças, jardins e outros pontos. Nos trabalhos ao ar livre, pintado à mão livre, treinando linhas horizontais, verticais, inclinadas, circunferências, até ficar com as linhas bem definidas. Antes de realizar em qualquer desenho, exercitavam esta técnica, tudo à mão livre. Depois, começavam a desenhar: modelos de gesso, exercícios de claro escuro e outros tais, até começar a pintar. Quando se tratava de estudar as proporções das figuras humanas, aprendiam com modelos vivos. Foi lá na SCAP que Nice desabrochou seus talentos em relação à pintura.

Sendo assim, para melhor compreensão da história do Ceará nas artes plásticas e sobretudo a importância desta na vida de Nice Firmeza, é fundamental o estudo da manifestação que deu início ao Salão de Abril.

SALÃO DE ABRIL

Img 6 • **Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)**
Gilberto Brito, Sérgio Pinheiro, Nice, Potinho e Esposa, Descartes Gadelha, Nelson Bezerra e Zenon Barreto.

O Salão de Abril envolve um dos capítulos mais importantes da história da arte no Ceará e na vida de Nice. Não só em razão da quantidade de artistas, mas da qualidade dos trabalhos. É um Salão vivo, instigante, gerador de polêmicas e cheio de conceitos artísticos, tendo um papel relevante na revelação de artistas e do nosso panorama cultural. A cada Salão, constata-se o nível de qualidade dos trabalhos apresentados, que indicam suas tendências, interrogações, seus protestos e até mesmo a indiferença pela boa manifestação artística.

Segundo o próprio Estrigas em seu livro "O Salão de Abril: 1943 - 2009"; o Salão de Abril mostra a arte, revela os artistas, e sua história desvenda o contexto que coloca em seu poder. Ele é a própria arte do Ceará e, também, sua história. É o reservatório que recebe todas as manifestações e faz irrigação para as nossas necessidades culturais.

O Ceará, embora contasse com ilustres artistas nascidos aqui, não contava, nas primeiras décadas do nosso século, com locais apropriados para exposições, dificultando, até certo ponto, a criação de um salão de arte com vistas a se suceder organizadamente e ter continuidade no tempo. A ausência de locais talvez tenha impedido a própria idéia com pretensões mais ambiciosas. As poucas exposições foram feitas precariamente. Ao lado disso, surgiu a ideia da necessidade de uma entidade de arte que aglutinou os artistas dispersos e desse apoio às atividades, inclusive com a realização de um Salão. Surgiu, então, o Centro Cultural de Belas Artes, em junho de 1941, e logo em setembro realizava-se o I Salão Cearense de pintura, ao qual seguiu-se anualmente aumentando a constância do relacionamento com o público.

Em 1943, o Brasil passava por dois acontecimentos que perturbavam e dificultavam a vida do país: uma segunda guerra mundial e uma ditadura nacional. Todo poder que suprime a liberdade desperta reações que procuram outros canais capazes de possibilitarem fazer chegar ao povo os movimentos de protesto e as mensagens-armas para combater a causa opressora. A arte é um veículo poderoso de canalização de sentimentos de revolta e se liga estreitamente aos acontecimentos de um contexto social. Todo meio de expressão é convocado para servir aos objetivos de levar a mensagem que exerça influência nos propósitos desejados. A arte atende bem a essa finalidade e é próprio dela influenciar e transmitir sentimentos.[3]

[3]ESTRIGAS. O Salão de Abril: 1943 – 2009. 2° Edição. Fortaleza: La Barca Editora, 2009.

Img 7 • **Fonte: Arquivo Pessoal**
Livro escrito por Estrigas

Sendo assim, como forma de manifestação da preocupação com a cultura, e chamando os artistas para tornar pública a sua produção estética, a União dos Estudantes criou, também como fonte de influência junto ao meio social, um salão de arte: o Salão de Abril. No meio de uma realidade contraditória, o Salão de Abril passa a servir como índice das formulações estéticas e catalizador da arte como expressão do belo e da construção solidária do mundo, perspectivas que se confundem com a própria vida de Nice e Estrigas. O Salão de abril será sempre objeto de controvérsias - faz parte de sua proposta estética e política. A idéia de um Salão plural faz parte dos planos da cidade. Não existe arte que vá em uma única direção. Ela se tornou referência de uma arte que é feita no Ceará, sem necessidade de rótulos. Arte é criação, inquietação e interferência em um mundo que nos cabe refazer (FIRMEZA, 2009).

Vale aqui ressaltar que o sistema oficial de ensino do Ceará, não contempla a existência de escolas de artes plásticas. Os artistas formaram-se na irmandade e no sistema solidário de troca de experiências ou através dos movimentos que favoreçam estas relações. Neste contexto, cenário local, Nice Firmeza tem atuação marcante.

FASES DE NICE

Para compreender a especificidade do trabalho de Nice Firmeza, há de se levar em consideração sua pintura em quatro fases: A Paisagem; Humano na paisagem; as Máscaras e por último, as Crianças. Estas fases compõem uma linguagem poética e auto descritiva, na qual a artista revela em depoimento biográfico, descrito por Soeiro (2011).

Nice começou pintando Paisagens, passou dez anos pintado somente paisagens, o humano nesse tipo de pintura aparecia como uma complementação, como um segundo atributo artístico. Logo após essa fase inicial, por volta de 1961, Nice casou-se com o artista plástico Estrigas, indo morar no sítio Mondubim.

A segunda fase é descrita pela artista plástica como a época em que começou a pintar "Gente". A mesma atribui esse momento a "carência de convivência", devido ao isolamento no sítio. Nessa época não existia o Mini Museu Firmeza, portanto o humano surgiu como convergência afetiva, recriação imaginativa, experiências sensíveis, expressas e impressas na pintura.

Img 8 • Img 9 • Fonte: Arte e Afeto (2013)
1ª fase de Nice em 1950 | 2ª fase em 1960

Img 10 • Img 11 • **Fonte: Arte e Afeto (2013)**
3ª fase de Nice em 1969 | 4ª fase em 1996

Por conseguinte, surge a terceira fase: as Máscaras. O motivo dessa pintura, a artista traduz como sendo um dos desafetos inerentes ao caráter humano, a maledicência. Nice justifica tal fase, ao comentar que quando morava em Aracati conhecia as pessoas como sendo "boas", considerava-as como da família. No entanto, ao chegar em Fortaleza deparou-se com outra realidade, os falatórios no ambiente de trabalho. Como não podia retratar os rostos, tais como eles se apresentam, descrevia-os através das máscaras. Diríamos que essa pintura refere-se ao retrato comportamental humano.

A quarta e última fase se constitui como a fase das crianças. Nice afirma, em relato biografado, que esse período teve início quando "[...] principiei a ensinar, e conviver com as crianças, a minha vida mudou completamente. Alegre. Aquele vazio que existia deixou de existir [...]" (SOEIRO, 2011, p. 26). Este momento consubstanciou-se no preenchimento de um vazio, ocasionado pelo isolamento no sítio Mondubim.

De forma a partilhar sua vivência artística, Nice, relata ter tido uma experiência com o abstracionismo, o expressionismo, bem como, o surrealismo, mas foi uma experimentação passageira, constituída entre uma fase e outra (IBIDEM). Tais observações nos permite interpretar como alguém que vê a si mesmo no espaço da pluralidade. Além disso, expressa também o sentido da arte, que consiste em visualizar um único objeto e representá-lo na perspectiva da multiplicidade de interpretações daquilo que a princípio se apresenta no espaço da singularidade.

As artes plásticas conquistaram Nice. No começo ela pintava óleo sobre papelão e compensado, como todo pintor pé duro. Dentre as pessoas que influenciaram e orientaram Nice, destacam-se: Siqueira, Mesquita, Floriano, os Pamplona, Hermógenes e, principalmente, Barrica. Sobre a maneira de concentrar-se para trabalhar e criar, Nice afirma - "gosto de pintar concentrada, sozinha, me desligando de tudo, quando não tenho compromisso ou visitas. Quase sempre faço um estudo para cada quadro.

Como visto, a vida e Nice tem várias fases. Vejamos as mesmas, nas palavras de Nice:

> "Eu comecei pintando paisagens. Adorava paisagens. Passei dez anos pintando paisagens, toda a década de 50, que corresponde ao tempo da existência da SCAP. O ser humano na minha paisagem era apenas uma complementação. Aparecia em segundo plano.

Img 12 • 13 • 14 •
Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

Depois, casei com Nilo e vim morar no Mondubim, em 1961 (subúrbio de Fortaleza). Me isolei. Nesta época ainda não havia Mini-Museu. Éramos tres pessoas aqui onde vivíamos: Eu, o Nilo e Dona Bárbara, a mãe do Nilo. Vinham aqui quase que só as pessoas da família. Então, parece que eu sentia uma carência muito grande de convivência. E comecei a pintar gente. Só desenhava pessoas, pessoas. Isto foi minha segunda fase.

Quando mova em Aracati, cidade pequena, conhecia todo mundo, achava que todas as pessoas eram boas. De repente, vim para a cidade grande e encontrei outra realidade, maledicência, histórias. Veio, então, a fase das máscaras. Eu sempre escondia o rosto das pessoas por trás das máscaras. Eu atribuo isto ao comportamento das pessoas, e à falta de convivência, à solidão, saudade da minha terra.

Mais tarde, quando comecei a ensinar, a conviver com crianças, minha vida mudou completamente. Aquele vazio de saudade de Aracati, de estranhamento da cidade grande deixou de existir. Eu me sentia realizada. Sabia que meu trabalho com as crianças estava sendo útil e unia ao agradável. Uma convivência muito pura, muito sadia. E minha pintura mudou também, com a fase das crianças, que dura até hoje. Sinto-me criança de novo. Por isso, eu digo: todo dia eu aprendo com os meus pequenos, com suas simplicidade e com seus linguajar." (Conversas com Nice. A.R.Soeiro. Edições Sarau do Beco. 1994).

MINI-MUSEU FIRMEZA

Os Firmezas moravam em Mondubim, bairro de Fortaleza com ares de interior, localizado às margens da via férrea que liga Fortaleza a Pacatuba. A chácara onde fundaram o Mini-Museu Firmeza, conta com um acervo que passa de 600 obras, como pinturas, gravuras, objetos e esculturas, dos artistas mais importantes da passagem do moderno para o contemporâneo nas artes visuais do Ceará. Além do precioso acervo, o Mini-Museu dispõe também de uma biblioteca especializada em arte com livros, fotografias, catálogos e registros jornalísticos. Por isso, mantém-se aberto ao público para visitas informais ou pesquisas escolares e acadêmicas.

Junto com Estrigas, seu companheiro de vida, Nice transformou o espaço de sua casa numa casa de arte. "Quando Nice se encontra no Mini-Museu no Mondubim, a gente sente um grande amor por um trabalho que também se estende a ensinar pintura em vários bairros e às quintas à tarde com as crianças no Passeio Público", afirmou o artista plástico Bené Fonteles, ao fazer comentário sobre Nice no Jornal O Povo (17 de setembro de 1971). E sobre o poder criativo de Nice, assim reportou-se o artista, no mesmo comentário:

Img 15 • 16 • 17 •
Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

"A arte de Nice me espanta pelos seus sentidos, pelos seus mistérios que vão muito além de tudo. Coisas que vem de dentro, porque também é muito vasto o campo em que se desenvolve a maravilhosa criatura que é".

O Mini-Museu, trata-se de uma casa integrada à natureza, sedimentada espontaneamente por seus frequentadores como um ambiente não-hierarquizado de convivência. É de se admirar a capacidade transformadora que eles imprimiram àquele lugar extraordinário (PAIVA, 2014, p. 33). É ali onde se refugiam artistas plásticos cearenses que não aceitam pintar conforme a onda novidadeira dos curadores dos salões de arte. No Mondubim eles não precisam pintar quadros para tentar agradar às tendências do mercado, pintam sentimentos, emoções. As cores de suas telas podem ganhar assim, outros tons e revelar outros dons do caráter subjetivo e fugidio da beleza.

Img 18 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**

Na chácara, a natureza inspira os artistas, com uma árvore imponente plantada bem no centro do jardim por Estrigas e as flores fazem parte de um jardim apaixonadamente cultivados por Nice. Ela mantinha um verdadeiro amor por seu jardim. Nice recepcionava as visitas de um jeito carinhoso, com uma flor no cabelo e entre uma conversa e outra ela oferecia seus deliciosos doces: caju, coco verde, leite e laranja. Ingredientes vindos do seu quintal.

Img 19 • Fonte: http://minimuseufirmeza.org/

No livro “Conversas com Nice”, de Rodrigues Soeiro, Nice comenta sobre o seu amor pelo museu e por suas plantas:

> "Pra mim, o sítio é um estado de espírito poético de ser e de alumbrar-se com o mundo. Não aceito uma flor chamar-se viuvinha. Rebatizei. Para mim ela é alegria dos meus olhos. Viúva é uma coisa muito triste, assim como é feio o nome Barba de Velho, não é? Prefiro chamar de Chuvinha Colorida." (SOEIRO, Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 21)

No livro "NicEstrigas: arte e afeto", de Bené Fonteles, (2014), o Mini Museu Firmeza é apresentado por Paiva (2014) com farta e colorida memória fotográfica do local, com destaque para a flora e as flores do jardim e os espaço da casa. São focados, com detalhes, diferentes ângulos da residência, onde são expostas as peças e fotos de Nice e Estrigas.

No Sítio do Mondubim, a presença sábia e serena de Estrigas, com sua fina e inteligente ironia, a expressar uma arguta e rara percepção e do mundo. Sua importância é capital ao historiador e publicar dezenas de livros sobre a arte feita no Ceará, da pintura rupestre à arte moderna, desta ao contemporâneo. Orientou várias gerações de artistas e formou público para melhor discernimento crítico e o olhar mais sensível sobre o fazer artístico e a coerência com os verdadeiros valores éticos (FONTELES, 2014, p. 15).

Img 20 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Ao personificar uma entidade cearense e brasileira, Nice e Estrigas doam uma inestimável herança cultural para a Fortaleza. Portanto, é imensa a importância de seus legados artísticos, não só quando trazem a modernidade da pintura à cena contemporânea, mas também quando se esforçam para preservar e perpetuar a memória cultural do Estado, por meio da criação e da manutenção do Mini-Museu Firmeza.

A criatividade de Nice extrapolava os limites das artes plásticas, pois desejosa de agradar os visitantes, amigos e o marido, preparava surpresas, aproveitando produtos da safra, fazendo com que as frutas não se estragassem e pudessem ser consumidas por mais tempo.

Os doces entraram na vida de Nice de forma mais efetiva, com o casamento com Estrigas e a mudança para o sítio do Mondubim. Ela criava receitas bem variadas e inusitadas, esperando que os visitantes fossem capazes de adivinhar os ingredientes utilizados, a fim de satisfazer a mania de criar. Os doces servidos aos

que visitavam o Mini-Museu, eram servidos aos poucos, mostrando a diversidade e indicando os frutos daquela estação. Assim, tinha o doce de coco verde, o de leite, o de caju em massa, o de caju inteiro, de goiabas, de bananas, e casca de laranja da terra, de seriguela, de melancia e de estrelas de carambolas. "Nice tinha medo da solidão, por isso gostava tanto de receber visitas no sítio, oferecer seus doces, suas frutas", afirma sua amiga Dona Mercedes numa entrevista para Jornal Diário do Nordeste em 2013.

Seu zelo com Estrigas também é recordado por sua aluna e amiga Lúcia Lustosa na mesma entrevista:

"Na hora do lanche, não comia doces por medo de diabetes, mas sempre pedia pra deixar um tantinho pra ela levar pro Nilo. Dizia que ele gostava de doces e estava sempre preocupada com ele. (Um tríptico para Nice Firmeza, Jornal Diário do Nordeste, Caderno 3, 20 de abril de 2013).

Img 21 • 22 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

NICE BORDADEIRA

No estado do Ceará, temos a tradição de ser uma cultura que domina diversos tipos de artesanatos, e o bordado é um dos mais reconhecidos em sua importância social e econômica. Ninguém sabe ao certo como surgiu, mas segundo as lendas do povo, o bordado chegou com a colonização portuguesa e ganhou valor pela similaridade com as rendas.

O bordado tem a capacidade de "falar aos nossos olhos" (FONTELES, 2014, p. 15). Ela não é uma arte estritamente contemplativa, ela permite ir além das interações visuais, explorando o campo das interações táteis e emocionais. Com as variações de pontos e de linhas, permite-nos contar histórias fazer registros iconográficos e tocar a alma. Como entusiasta dessa forma de expressão artística, descrevo nesse texto sobre o tecer de Nice Firmeza, exemplo da arte, da memória e dos afetos, e defensora da elevação do bordado à categoria de linguagem artística.

Herdeira desse notável talento em transformar fios coloridos em singelas obras, o bordado foi uma tendência artística manifestada por Nice desde criança. Tudo começou no Patronato do Aracati. A menina Maria deu um jeito de driblar a vigilância da mãe e se inscrever no curso de bordado.

Img 23 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

O bordado era a possibilidade de dar forma, de maneira lúdica, a um mundo de agulhas, dedais, bastidores, linhas de todas as cores, de aprender os pontos e de inventar outros. Pode ser visto como brincadeira e campo de batalha, onde se desenvolveria uma luta entre criação e cópia, liberdade e disciplina, invenção e riscos. É notório que o bordado se incorporou na sua vida como exercício de liberdade.

Nice saiu da escola. A mãe descobriu a "malinação", mas o bordado se incorporou à sua vida como exercício de liberdade. Ele se insinuou e foi ganhando espaço, debaixo das mangueiras do sítio do Mondubim. Com o tempo, as blusas bordadas de Nice ganharam status de grife. E logo se formaram grupos de alunas e aluno (Francisco Sousa) que se reuniam às quintas, no espaço da Evelúcia, na Aldeota, e aos sábado no sítio.

Pintando bem, satisfeita em utilizar a arte em favor das crianças, Nice resolveu desenvolver esse outro trabalho aprendido na infância e transformou o bordado em atividade e peça de arte, transmitindo para muitas pessoas o caminho das linhas coloridas no encontro com a arte.

Na fase adulta valeu como terapia ocupacional. Nos últimos anos de sua vida, já não se sentia inspirada para pintar quadros, mas ela pintava constantemente com linhas. Ao ensinar sua arte de linha e tecido, transmitia para as mulheres, de maneira prática, os pontos simples que havia aprendido quando criança. Sob sua orientação qualquer uma poderia fazer trabalhos surpreendentes.

> "Tive um problema no braço que me impediu de pintar, por isso voltei a bordar mais intensamente. Bordar você esquece do mundo. Dá o maior prazer e mexe só com o antebraço". (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 38)

Img 24 • 25 • 26 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

O bordado característico feito por Nice, tornou-se um estilo próprio, formou uma escola e ultrapassou a mera habilidade para ganhar o estatuto de mais um de seus dotes artísticos. Nestes tempos em que tudo é feito em série, e poucas são as coisas que sofrem interferência de uma customização, a arte de Nice se destacou por carregar sentimento e delicadeza. A grandeza dos bordados da Nice ainda está por ser avaliada e reconhecida. Suas blusas são ousadas, porque não são datadas, extrapolam as limitações do mercado e instauram uma primavera atemporal.

Segundo o amigo e escritor Flávio Paiva, o bordado de Nice tem a mesma estatura dos "parangolés", arte para ser usada, com os quais Hélio Oiticica envolvia passistas da Mangueira para suas performances. Pode ser pensado como algo digno para se vestir e se estar diante de Deus, como os mantos de Arthur Bispo do Rosário. Dialoga com os bordados de Leonilson, na fase em que o artista expressava poesia e angústia, por meio das linhas, numa grafia minimalista e contundente. As roupas da Nice fazem contraponto com as de Louise Bourgeois, expostas como esculturas. Vestimentas ornadas de tal harmonia de cores que sempre impressionou aos mais exigentes sentidos pelo vigor cromático e pela energia singular com que realçava casa corpo vestido (PAIVA, 2014, p. 39).

Img 27 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

"Desde pequena que eu tinha uma vontade louca de aprender a bordar. Mas minha mãe achava que a pessoa que fosse aprender outra coisa não estudava. O tempo era só para estudar. Mas no colégio havia uma freira que era muito conhecida no Aracati, Irmã Luiza. Foi a pessoa mais organizada que já vi na minha vida. E que traquejo como administradora. O único hospital que tinha em Aracati nesse tempo foi criado por ela. Casa para velhos. Um patronato.

O patronato era pra ensinar as primeiras letras e todo tipo de trabalhos manuais. Eu pedi à minha mãe para aprender a bordar, mas mamãe não deixou. Que era só pra empregadinhas. Sabe como é esse pessoal do interior cheio de besteiras. Aí, fui, mas não disse à irmã Luiza que mamãe não tinha deixado, não. Sabe. Consegui a farda. E aprendi os pontos de bordados. O patronato ainda não tinha sido inaugurado. E tiraram uma foto das meninas que iam inaugurar, as fundadoras. Eu era muito pequena e me botaram bem na frente.

No dia da inauguração, botaram o quadro exposto, e eu lá. Quando minha mãe chegou, olhou o quadro e disse: "Oh! Menina parecida com a Maria!" E a irmã: " Parecida? É ela!". "O quê?" Eu não autorizei ela a fazer o curso". Meu amigo, levei uma pisa e tanto quando cheguei em casa. Foi por isso que não aprendi mais coisas. Essa blusa? Eu não risco, não. O desenho, as cores, é tudo improvisado na hora. Um motivo leva a outro, e assim vai." (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 36-37)

Img 28 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Nice só retomou o contato com o bordado após 2 décadas da primeira tentativa, por ocasião do luto de um tio. "Como minha roupa era preta, decidi bordá-la para ir à exposição do Barrica. Lá, o Zé Tarcísio, outro artista plástico, quis trocar de blusa comigo. Eu, então, lhe disse: não, traga a sua que eu bordo".

Delicados bordados com formas de flores, pétalas e raminhos, inspiração maior vinda de seu jardim, Nice se imortalizou pela obra que ela própria criou e transformou em belos vestidos e blusas.

> **"O bordado de Nice não é artesanato, assume a categoria da expressão artística antenada com a contemporaneidade. Isso dá a dimensão de sua importância" (Um tríptico para Nice Firmeza, Jornal Diário do Nordeste, Caderno 3, 20 de abril de 2013).**

Seus bordados eram verdadeiras pinturas. Não se repetiam, cada desenho era criado no momento. A combinação de cores era perfeita, o desenho, a pintura e a natureza sua principal fonte de inspiração, conjugavam-se para a produção de belíssimas blusas, vestidos, bolsas, dentre outras peças. Uma peça simples era claramente enriquecida quando passava pelas mãos de Nice.

Durante 10 anos de sua vida, Nice ministrou aulas de bordado na Clínica Gestar, de Evelúcia Melo, para mulheres em depressão. Em 2013, o Jornal Diário do Nordeste entrevistou algumas de suas alunas do bordado que testemunharam alguns dos valores transmitidos por Nice:

"Era impressionante a atenção que ela dedicava a essas pessoas, que aliás, depois se restabeleceram, graças a ela. É impossível se abater quando você passa a conviver com uma senhora de 90 anos com tanta energia, tanto ânimo". - Lúcia Lustosa

"A impressão que tenho é que Nice era construtivista, porque nada do que fazíamos estava errado ou não era bom. Ela conseguia ver potencial em tudo". - Maria do Socorro

Img 29 • Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)

No curso que ministrava nas terças-feiras, Nice por muitas vezes, já chegava com os desenhos prontos para as mulheres bordarem. Poucas semanas antes de falecer, Hevelúcia, uma de suas alunas, conta que havia falado com ela ao telefone. Nice disse que tinha um presente para entregar, mas pedia que a moça guardasse seus desenhos com muito cuidado num canto precioso. "Tem gente que vem, pede um e outro", Nice dizia. "Era como se ela quisesse preservar tudo antes de ir", supõe Hevelúcia.

Outra característica de Nice era sua resistência às copias e estereótipos figurativos. Aluna nenhuma devia copiar pontos. Nice criava seus próprios pontos, tinha

Img 30 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

uma criatividade incrível. Os desenhos que riscava, a forma como preenchia as peças. As cores primárias eram as preferidas dela. Um amarelo bem forte, um verde bem puro, e só ela sabia como combiná-las. Pode-se notar a sofisticação da combinação de cores e traços. Um bordado retinho, firme e preenchido. Ela fazia arte com os pontos mais simples. Bete, aluna da Clínica diz: "quando eu tentava fazer uma peça bem colorida ficava estranha, brega. Mas quando Nice misturava aquelas cores, dava certo".

> "Os pontos são universais, mas quem é discípula carrega os traços do seu mestre porque fica e perdura na pessoa. Nice Firmeza deixou muitas discípulas que carregam em seu trabalho alguns traços mais evidentes, característica de quem te ensinou. O trabalho da Nice Firmeza é tão rico e tão assertivo que ela usava os pontos primários, simples, básicos. Não são grandes pontos, nem tão pouco complexos. A beleza é a simplicidade do bordado. O desenho dela é o que vale a pena ser estudado, assim como a relação do desenho com seus traços e as cores." – Maria Zenaide

O desenho no tecido era o primeiro passo. Após horas e mais horas de entrega absoluta, com suas cores mil em cima de panos populares, ponto-em-cruz, ponto cheio e ajour, Nice apresentava a mais autêntica obra, elaborado por uma verdadeira mulher com mãos de fadas. Entre um pontinho e outro, tramados por linha e agulha de metal, apareceram múltiplas texturas. Seu bordado são verdadeiras pinturas em linhas, que sem saber constrói mandalas circulares.

> "Não cheguei a ver ilustrações, só li sobre as mandalas, de forma que tudo o que eu bordei em termos de formas e cores vem da minha mente mesmo. O colorido das crias de pano também é herança visual de infância, Aos 5 anos, ganhei um caleidoscópio do meu pai. Lembro que fiquei tão encantada com aquilo que desmontei ele todo, queria ver o que tinha por dentro, Essa imagem nunca saiu da minha lembrança e de alguma forma ela está representada na composição do todo. Já as flores bordadas que foram parar em círculos, obedecendo a regras de proporção que resultam em formas tridimensionais, vem do próprio jardim" (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 24 - 25)

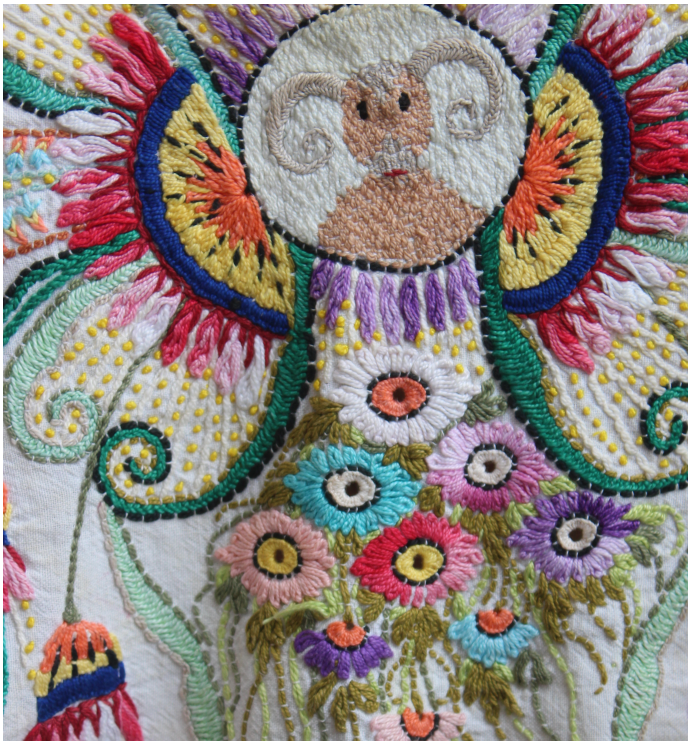
Img 31 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

Img 32 • 33 • **Fonte: Mãos que Fazem História (2012).**

Assim, o colorido das mandalas de Nice firmeza, ornamentadas de flores e corações e das demais produções da artista nos ensina sobre formas, cores e dimensões estéticas, além de suscitar um sentimento de afeto, carinho e amizade.

Na simbologia das mandalas de Nice Firmeza deixa transparecer a valorização da arte e da cultura cearense. Ostetto (2006) fala que do aconchego da beleza, da potencialidade do símbolo, é que os signos vão surgindo. Dessa forma, a artista consegue passar tais sentimentos por conta da identificação com as formas circulares, estrelares, de coração entre outras e pelas cores vibrantes e variadas, que se confundem com o desejo de superação de limites.

As mandalas da Nice Fimeza ensinam sobre delicadeza e a paixão pelo trabalho, sentimento e sensibilidade lhe dar com pessoas, assim como a criatividade como expressão autônoma do sentimento da visão do mundo de cada um. Outra coisa



Img 34 • 35 - Conte: Arquivo Pessoal

que se destaca como aprendizagem nas mandalas de Nice é a resistência. Resistência às cópias, aos modelos já tradicionalmente reconhecidos. E assim mais uma vez a criatividade é uma questão importante. O colorido na arte de Nice Firmeza também pode inspirar novas aprendizagens porque o colorido remete a uma sensação e vivacidade.

Destaco aqui, um dos grandes projetos, de um CD e livro, que Nice participou e que tive o prazer de fazer parte da trilha sonora, quando criança. No resgate da cultura cearense para as

crianças, Nice Firmeza, com seus bordados, integra uma equipe interdisciplinar para a produção de um livro e de um CD de Flávio Paiva, lançada pela Editora Cortez, no ano de 2010, intitulada Flor de maravilha, que traz ilustrações de Dim e Nice Firmeza.

Flor de Maravilha é um livro infantil, composto de 96 páginas, cuidadosamente organizado com a abordagem de temas do universo cearense e composto por histórias, músicas e ilustrações. O título do livro "Flor de Maravilha", nome de uma planta muito comum no Nordeste, por sua resistência ao calor e ao sol. É ainda tema de uma composição musical de Luiz Gonzaga (Fulô de Maravilha).

Após a primeira parte do livro, intitulada Bambalalão, onde são encontrados poemas e contos infantis, acompanhados de composições musicais de Flávio Paiva, com ilustrações do artista Dim está a segunda parte do livro chamado Sambalelê, composto de vinte e dois textos infantis, de autoria de Flávio Paiva e ilustrados com os bordados de Nice Firmeza. As ilustrações bordadas por Nice Firmeza retratam os temas abordados por Flávio Paiva. São crianças, bois, Capitão Rapadura, um sol sorridente, árvores, borboletas anjos e flores, cirandas, luas e estrelas.

Img 34 • 35 • **Fonte: Flávio Paiva (2013).**

NICE MULHER

Durante muito tempo o papel feminino estava voltado para as representações do lar e da família. Mayayo (2003, p. 210), nos fala acerca da maneira como a sociedade e até mesmo alguns artistas retratam a figura feminina:

> "Hipervisibilidade da mulher como objeto da representação e sua invisibilidade persistente como sujeito criador".

Parafraseando a citação, Nice, deu visibilidade e notoriedade à figura feminina nas artes, quebrando a invisibilidade que a sociedade arcaica e machista enclausurou a mulher.

Nice Firmeza estava à frente de seu tempo, se fizermos uma reflexão temporal, teremos a dimensão de tais atitudes. Ora, se hoje ainda há preconceitos no que diz respeito à participação ativa da mulher na sociedade, agora imaginemos nas décadas 1950 e 1970, quando Nice começou a se dedicar a arte.

Registro aqui uma história de conquista, de perdas e de superações, na qual sua família impôs vários desafios que ela necessitou vencer. A arte foi no primeiro momento a vilã, depois se tornou essencial como fonte não só de sobrevivência, mas de qualidade de vida.

O primeiro deles, sua vontade de fazer teatro, foi tragada por aqueles preconceitos. Mesmo tendo demonstrado talento e sendo escolhida por uma equipe para ser atriz, a família de Nice não permitiu sua participação no teatro. Era demais para uma época que achava que "moça de família" nunca poderia ser atriz. Veio o que ela chamou de “primeira decepção da minha vida”, o impedimento de continuar trabalhando no teatro.

Nice desafiou este preconceito e começou a trabalhar em peças de teatro da escola. Seu irmão mais velho, que custeava os estudos dos outros irmãos, não admitiu aquilo que ele chamou de "mania de Nice". Chegou a ponto de tirá-la do colégio, porque lá havia teatro, onde Nice estava sempre participando. Ainda assim ela participou de cinco encenações por teimosia.

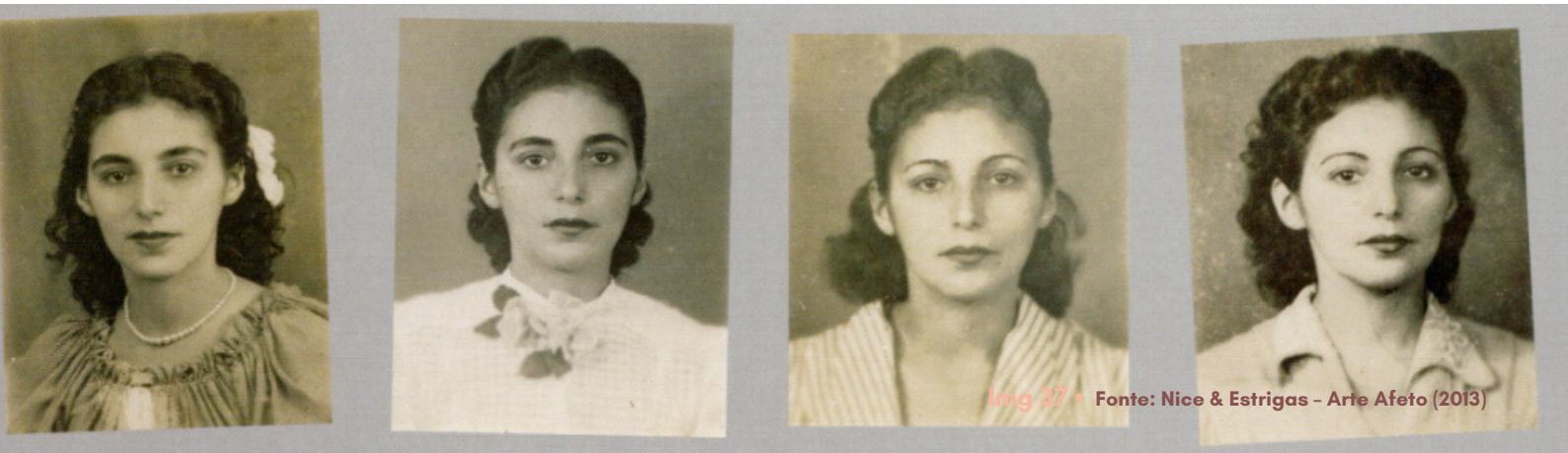
> “Na peça - Angélica - eu era uma velha sofisticada. Tiraram minhas sobrancelhas, me pintaram. Na hora eu tinha que pegar um guarda-chuva e bater com ênfase, mas com cuidado para não bater nele de verdade. Eu fiz com tanta ênfase que bati nele. Meu irmão estava na plateia e quase não me reconheceu. Quando eu cheguei em casa foi o maior escândalo. Ele estava com tanta raiva que pegou uma pinça e queria tirar o resto das sobrancelhas. Disse que teatro não era coisa pra meninas de família. Depois disso ele me tirou do colégio e eu nunca mais pude participar de teatro”. (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 8).

Img 36 • Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)

Um outro dado interessante a ser descrito, é que desde criança Nice era sonhadora. Tinha uma visão sem limites. Um de seus sonhos era aprender a bordar, mas sua mãe não concordava, alegando que atrapalharia seus estudos. Escondida, sem nada dizer à mãe, Nice foi fazer o curso, no Patronato, o único lugar de Aracati que ensinava as primeiras letras e todo tipo de trabalhos manuais. A clientela era a popular, de baixa renda, os pobres. E agora, Nice enfrentava mais um preconceito. Sua mãe não queria que ela se misturasse com outras classes, mas ela queria aprender a bordar. Arranjou uma farda e todo dia ia aprender os pontos de bordado. Até que no dia da inauguração do espaço, a mãe de Nice a viu numa foto como frequentadora do curso e isso custou muito caro.

Enquanto estudante, se recusava a seguir determinações do professor que sugeria desenhos a serem copiados pelos alunos.

"A primeira professora que eu tive foi a Diva de Azevedo, Foi quem me alfabetizou. Era professora particular. A matéria que eu mais gostava era matemática. As outras não me interessavam. O primeiro colégio que frequentei foi o de Francisca Clotilde. Ela era minha madrinha de crisma. Era poetisa. Em 1933, vim pra Fortaleza pra continuar os estudos. Tinha doze anos de idade. Quando eu vim pra Fortaleza eu já pintava. Tinha aprendido com uma freira lá de Aracati. Ela era das salesianas, Irmã Margarida. Mas era cópia e eu não gostava de fazer cópias. Ela dava um cartão-postal, mandava quadricular e desenhar. Eu fazia as minha modificações. Um dia, ela mandou chamar minha mãe e disse que não ia me ter mais como aluna, porque eu tinha um defeito visual. Que eu via uma coisa e fazia outra. Que eu não dava para aquilo, que eu deveria desistir. No ginásio também aconteceu uma situação semelhante. O professor era o Dr. Arruda. Ele passava uns desenhos horríveis. Eram tantos centímetro para cá, tantos para lá, não sei mais o que. Era um horror. Eu baixava a cabeça e fazia do meu jeito. Levava pra ele e ele dizia: "Menina, onde você viu isso?" E eu dizia: "Professor, não está no quadro negro?" E ele: "Menina, não me diga que você viu desse jeito?" E me dava zero. Foi engraçado porque depois de muito anos, a Irmã Margarida foi para o Rio e não sei como ela viu o meu nome no jornal, participando de uma exposição. Então ele me mandou uma carta, com um santinho, D. Bosco, uma relíquia. Na carta, ela pedia desculpas por ter quase atrapalhado a minha vida dizendo aquilo, porque via que eu tinha continuado e estava muito feliz." (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 5 - 6).

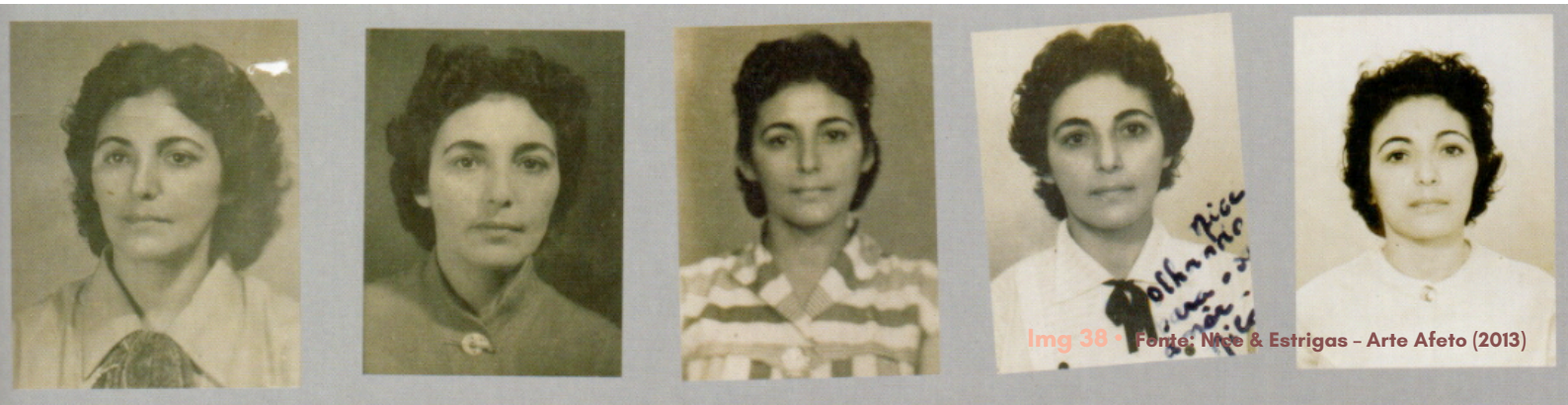


Img 37 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

Outro desafio para Nice vencer: mulher trabalhar fora de casa. Para Nice ser independente e poder comprar seu material de pintura, ao saber da existência de um concurso para telefonista, inscreveu-se, fez o concurso e passou. Trabalhou sem o conhecimento da família, mas como já não era mais dependente do irmão mais velho, ficou neste trabalho, por onze anos. Ao mesmo tempo, frequentava a SCAP, onde estudava e trabalhava e durante anos foi a única mulher do ambiente, como já citado anteriormente.

Dentre as contribuições de Nice Firmeza, acrescentamos a sua colaboração para a inserção feminina no cenário das artes, atributo este, alcançado pela artista ao se tornar a primeira mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP. Este mérito conquistado representou a possibilidade de rompimento com a cultura machista e preconceituosa que historicamente distingue as relações sociais, familiares e de poder, pelo gênero. Em seu diário ela mostra o quão perseverante foi, pelo fato de não se deixar intimidar por ser a única mulher no ambiente artístico.

"Estou pintando muito e vendi alguns quadros este mês. Deve ser a Exposição de Portugal - uma coletiva que estou fazendo parte. Foram 9 os pintores do Ceará selecionados. De mulher só eu. A seleção foi feita em Recife-PE no instituto Joaquim Nabuco". (Diário de Nice, 05/05/82)



Img 38 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

Durante muito tempo Nice foi tratada como esposa do pintor Estrigas, começou a ganhar espaço e começou a ser tratada como pintora de mérito próprio. Destacou-se no meio artístico como reconhecida pintora e manteve uma postura de independência financeira e pessoal, bem diferente das que as mulheres assumiram na época. Ainda assim, a artista conquistou o seu espaço e destacou-se em seu meio, em que o trabalho de homens era mais valorizado e, naturalmente, prevalecia.

Nice passou por situações que são delicadas ainda hoje, quanto mais se imaginarmos a época, como a gravidez. Ainda adolescente, menor de idade, e recém chegada na capital, ficou grávida de seu primo legítimo. Um vergonha para toda a família, que escondeu a gravidez e decidiu mentir e dizer para a vizinhança que o bebê era de sua mãe. Assim foi feito. Lourdinha, filha de Nice, nasceu acreditando que era irmã mais nova de Nice, só indo descobrir a verdade muito anos depois, em sua adolescência. Nice, teve que conviver por muito tempo com todo o trauma e culpa que sentia.

Por mais que Nice fosse bastante devota, Nice e Estrigas nunca casaram no papel nem na igreja, algo também muito chocante para a época e para a família tradicionalmente católica que tinha.

Nice, carvão, sem data, 25x20cm

Nice, carvão, sem data, 30,5x22cm

Nice, carvão, sem data, 27x19cm

Nice, óleo, sem data, 31,5x22,5cm

Img 40 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**
Desenho de Nice por Estrigas

Mesmo com todas as intempéries que a vida lhe impôs, Nice foi uma feminista, incorporou com autenticidade símbolos da cultura cearense em sua arte. Ela não tinha o propósito de empoderar mulheres quando começou a ensinar bordado, mas o bordado já traz consigo, naturalmente, uma maneira de se expressar, uma mensagem do que você está passando, no qual os seus valores estão inseridos alí. Nice não pintava sobre o feminismo em si e tão pouco percebia que viria a ser, mais tarde, modelo de expressão feminina. Durante muito tempo desempenhou o tradicional papel da mulher de família tradicional e submissa. Com o passar do tempo foi quebrando tabus e contrariando a expectativa da família. Não por birra, mas pelo instinto de ser o verdadeiro caminho que deveria prosseguir.

Ao analisar suas fases de pintura, acredito que as escolhas do seu estilo de pintura e dos temas de sua obra foram pautadas em sentimentos e valores que precisava expressar e amadurecer por meio da arte. Sua fragilidade, medos e receios estavam expostos em suas obras. Portanto, temos essa Nice que emerge com força, feminilidade e autenticidade, por meio do olhar sempre marcado e o sorriso no rosto evidenciando sua alegria por detrás das dores. Como ela mesma citou anteriormente, a sua inspiração para as pinturas e fotografias, vieram de suas angústias e dificuldades em lidar com os traumas vividos. Pintou a própria realidade. É impossível separar a vida e a obra dessa pessoa singular, as pinturas são sua autobiografia.

Nice nunca tentou ser ou parecer como ninguém. Ela celebrava a sua individualidade. Suas roupas bordadas carregavam sua feminilidade e a reputação por sua independência econômica e pessoal.

Nice teve como madrinha uma referência no feminismo cearense - Francisca Clotilde. A escritora de "A Divorciada" e jornalista de "A estrela", natural de Tauá, com passagens por Fortaleza, (foi a primeira mulher concursada a dar aulas na Escola Normal, em 1984) e Baturité, se mudou para Aracati com a filha Antonieta. Lá instalou a Escola Santa Clotilde, onde Nice estudou.

Gilmar de Carvalho comenta as dificuldades que Nice sempre encontrava para dar vazão à veia artística e os benefícios advindos de sua teima, como no caso do bordado. Escreve sobre Nice como expressão feminina e quebra de paradigmas, em "Um tríptico para Nice Firmeza". Jornal Diário do Nordeste, Caderno 3, 20 abril de 2013.

> "Nice construiu uma obra com coerência e densidade. Fez óleo, guache sobre papel, acrílica sobre tela. Sua pintura nunca foi decorativa, trazia as marcas de uma artista que sofreu, soube traduzir o que viveu e tentou recriar o mundo. Levou a experiência do bordado para as mandalas, exercício geométrico e poético, como um mantra visual. Interferiu em um catálogo do Mini museu. Manteve até o fim a inquietude, uma das marcas da artista e também a possibilidade do devaneio. Sempre saberemos reconhecer um trabalho da Nice, não apenas pela assinatura, mas pela vida que impregnou tudo o que ela fez, com determinação, disciplina e a garra dos que se entregam, por inteiro, às escolhas feitas. Nice transgrediu, foi à luta e deixou suas marcas. Pode-se falar não na incorporação de um clichê, mas da materialização do feminino".

Penso que Nice construiu esse feminismo provocativo com sua própria vida justamente para questionar suas ações e sua forma de se ver no mundo. Uma arte que comunica diretamente com suas lutas internas e com o íntimo das mulheres. um feminismo mais inclusivo. Sua autenticidade, obviamente, vinha também temperada por um comportamento revolucionário - era a forma de uma mulher conseguir furar as barreiras de uma sociedade arcaica e em vias de se urbanizar. Entretanto, sempre apaixonada, cômica e, poética, nunca deixou de englobar a manifestação artística em seus atos, mesmo os mínimos e cotidianos. Não reconhecia certas hierarquias sociais e se comportava como se não houvessem distâncias ou determinados padrões de comportamento para jovens, mulheres, cearenses.

NICE E AS CRIANÇAS

Img 41 • **Fonte: Nice pinta e borda... faz arte!**

Depois de adulta, como professora, Nice se deparou com situações burocráticas, mas ela não se deixava curvar aos ditames oriundos da direção das escola por onde ensinou. Nice não aceitava qualquer idéia que inibisse sua criatividade e se mostrava revolucionária por fazer as crianças acreditarem que tudo podiam desde que desejassem.

Nice Firmeza passou mais de 40 anos de sua vida exercendo o ofício de professora de artes. Ela formou centenas de crianças, não só para o saber artístico, mas para as coisas essenciais da vida. Tinha vocação clara para ensinar as crianças o que aprendeu com a arte. O amor que ela tinha pelas crianças, a paciência e a compreensão era algo de se impressionar.

Era especial a maneira como Nice observava as crianças, admirava e as compreendia. Ela definitivamente pode ser considerada uma mãe da Arte-Educação no Ceará. Experimentou e revolucionou com criações próprias, a arte de ensinar Arte às crianças. Ela ampliou sua aproximação com o universo infantil, quando começou a ensinar arte para as crianças, como demonstra em suas conversas com Soeiro (2011, p. 35-37):

> "As primeiras aulas de pintura iniciei no Mondubim em 1962, ensinava as crianças do meu bairro. Já em 1973, fui convidada pela Miriam Carlos diretora de cultura da Secretaria de Cultura do estado para dar um Curso para crianças: duas turmas de 5 a 7 anos e a outra de 10 a 12 anos. Eu lecionei aos domingos no passeio Público em 1974, um projeto do Departamento de Educação da Prefeitura. Curso livre, as crianças pintando no chão e tal, na gestão de Vicente Fialho. Eram 30 alunos com idade de 5 a 10 anos. Aquela alegria.
>
> Além disso, as experiências são várias. Vivo neste Museu - Casa, que eu vi nascer e com dificuldades crescer. Para a alegria nossa sinto-me gratificada em poder ajudar estudantes nas pesquisas e o povo em geral no contato com a arte, aprimorar sua sensibilidade e seus conhecimentos. Outro aspecto é o de divulgar a nossa arte para os que vêm de fora. Aqui às vezes é o ponto de encontro de colegas, pintores que querem conversar sobre a arte e seus problemas".

A partir desse relato constatamos sua aproximação com o ensino de arte através do ensino informal. Um projeto escolar chamado Prodiarte de arte integrada à educação, deu-lhe mais campo de ação reforçada com a leitura de bons livros sobre o assunto. No livro "Nice pinta e borda... faz arte!", de Lúcia Lustosa, (Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008, p. 161-162), há uma passagem em que Nice descreve um episódio ocorrido com uma de suas turmas:

Img 42 • **Fonte: Nice pinta e borda... faz arte!**

"Dei aulas no Prodiarte primeiro para os alunos da 3ª, 4ª e 5ª série, depois passei a ensinar os alunos da 1ª e da 2ª série, posteriormente somente os da 1ª série. Foi aí o que aconteceu. Quando eu chegava na escola às crianças das 2ª séries que tinham sido minhas alunas pediam para eu ir para a sala delas. Eu dizia que não podia porque só estava atendendo as da 1ª série. Neste dia eu vinha de uma 1 ªsérie, para outra sala de aula também da 1ª série. Acontece que eu tinha que passar na frente de uma 4ª série. Foi aí que aconteceu o sequestro. As crianças que já estavam esperando, me agarraram e botaram para dentro da sala de aula e fecharam a porta e disseram: Tia Nice hoje vai dar aula para nós. E foi o jeito eu dar e com muito gosto.

Eu gosto de lecionar para as crianças porque foi através delas que eu consegui um pouco de simplicidade, naturalidade, e vi que precisamos ser nós mesmo, deixar para trás todo o mau condicionamento e mostrar apenas o que somos."

Img 43 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Ainda segundo Lúcia Lustosa, o desempenho de Nice como professora, era característica diferenciada. Ela, ao criar caminhos pedagógicos e métodos próprios para este caminhar, desempenhou seu papel de forma original. Assim, seu papel assumiu função significativa e um reconhecimento social.

Intuitivamente, Nice usava de método próprio, em que a liberdade de expressão, o estímulo constante e a não interferência propiciam a plena realização artística. Sendo assim, a grandeza do trabalho da arte educadora vem a partir da sua própria experiência. Seu método de ensino, partia de paradigmas essenciais. Ela verificava todas as possibilidades que a criança era capaz, aproveitava as emoções momentâneas, os desejos, as brincadeiras preferidas, aproveitava as atitudes, para direcionar o seu trabalho e construir por inteiro a personalidade equilibrada do ser humano a partir da idade infantil (LUSTOSA, 2008).

Nas aulas de Nice, as crianças eram livres para o processo de imaginação, criação e raciocínio, coordenação motora, segurança em si, comunicação com os colegas e desenvolvimento da inteligência. Ela apostava que educação pela arte recuperava a dignidade e resgatava a própria liberdade humana.

Img 44 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

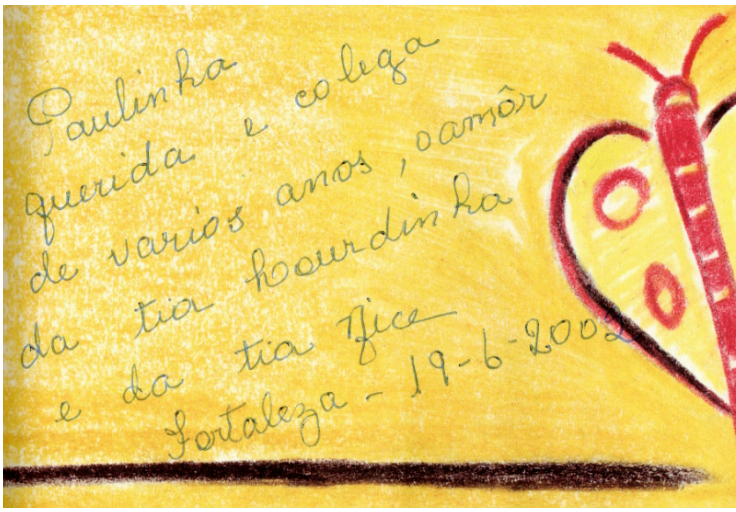
Na visão de Nice, a liberdade, dignidade-honestidade, sensibilidade, tudo se adquire em toda plenitude na idade infantil, quando a criança está adquirindo experiências importantes para seu desenvolvimento. Como arte-educadora ela fazia um trabalho respeitando os estágios de vida da criança, buscando um desenvolvimento por inteiro.

A estratégia de contar histórias é outro caminho metodológico que impulsiona a criança e tornava as aulas de Nice alegres e cheias de vida. As crianças transportavam-se para os mais diferentes ambientes e sonhavam acordadas vivendo como personagens das histórias de Nice. Essa é uma estratégia de socialização que se torna eficiente e encanta a criança.

No ano de 1998, Nice descreve em seu diário uma situação em sala de aula que me envolveu. Este trecho está registrado no livro "Nice pinta e borda .. faz arte!", de Lúcia Lustosa Martins.

> "No conservatório, eu pedi para as crianças fazerem um trabalho. Contei a história de Alice no País das Maravilhas. Quando chega a Paulinha, 5 anos, com o desenho dela. Tia está aqui, é a Alice. Eu botei os olhos, a boca e o nariz, e não "cabeu".

Ainda possuo este quadro da Alice que com muito orgulho faz parte do trabalho final da pesquisa registrar sua imagem. Me sinto muito orgulhosa em fazer parte de um de seus relatos.



Img 45 • 46 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Nice preocupava-se com o desenvolvimento do raciocínio da criança, pois sabia que era a partir daí que a criança seria capaz de tudo compreender e resolver. Então, trabalhava a imaginação e fazia tudo isso a partir da experiência viva com a artes plásticas. "É importante ensinar às crianças a imaginar e sonhar acordada" (Firmeza). Ela acreditava que a arte traz em sua a força criativa que conduz à transformação e, assim, é essencial à formação da criança.

> "Em minha experiência de convivência com crianças, descobri que, no processos de criação, a criança pesquisa sua própria emoção, liberta-se da tensão, observa o mundo que a rodeia, desenvolve a percepção e imaginação, adapta-se, organiza pensamentos e sentimentos e forma hábito de trabalho. Educa-se". (SOEIRO, Alberto Rodrigues. Conversas com Nice. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011, p. 40-41)

Nice, procurou atingir os objetivos que a arte proporciona ao ser humano: ser mais autêntico, seguro de si, questionador das situações, participante, respeitoso e defensor do ambiente e convívio solidário, ser imaginativo, ter uma boa percepção para o mundo sensível. Nice assim, enfrentou o mundo. Com mais facilidade. Defendeu o meio ambiente e contribuiu com seus exercícios e orientações, com boas chances.

DEPOIMENTO SOBRE O CASAL

O casal Nice e Estrigas, diante do seu valor artístico e pela disponibilidade para receber quem os procura, sempre foi muito solicitado. Afora os estudantes e outros pesquisadores, jornalistas e escritores vêm ao longo de anos escrevendo, seja em forma de notícia, entrevista, tese ou qualquer outra, matérias bastante elogiosas.

Na exposição das obras referentes ao casal, na Unifor em 2004, Milton Dias diz:

> "Não tenho notícias de dois artistas que, convivendo tão intimamente, sofrendo aparentemente as mesmas influências, vivendo juntos, ou melhor dizendo naquela nossa concebida canção popular - "bebendo a mesma bebida, comendo a mesma comida, respirando o mesmo ar", cercados pela mesma paisagem, servidos pelo mesmo céu, pelo mesmo chão, apresentam, no entanto, uma arte tão diversa, tão independente, como este casal Nice e Estrigas. Eles se complementam e se equilibram, numa relação onde arte e vida também se imbricam" (Nice e Estrigas - o encontro da vida com a arte. Catálogo da exposição, Unifor, 2004).

Img 47 • 48 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

Sobre tais diferenças e respeito mútuo do casal, Estrigas comenta:

> "Ela pra lá e eu pra cá. O colorido dela, o assunto dela, a composição se Nice é tudo muito diferente do meu trabalho. Às vezes, a gente faz observações no trabalho um do outro. Assim como a gente observa o trabalho de todo mundo, sem interferências."

É assim que o jornalista e pesquisador Gilmar de Carvalho encerra seu texto "Nice e Estrigas", "a Arte como meio de encontro para o amor":

> "Nice, junto com Estrigas, são duas ligações poéticas. Hoje mulher madura e artista consciente, chegou de evolução uniforme no sentido de atingir a melhor maneira de expressar as coisas. Sem alarde Nice chegou lá, por ser artista sacerdote e manifestar as aspirações e anseios do seu povo, criativa, já na recusa a aceitar a cópia como modelo. E sem pretender ser estrela, Nice é um nome representativo no campo das Artes Plásticas no Ceará". (Jornal O POVO. 13/setembro/1975).

Img 49 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

DEPOIMENTO DOS AMIGOS

Apresento aqui, depoimentos de amigos feitos para Nice e publicados também no livro de Lúcia Lustosa Martins, "Nice pinta e borda.. faz arte":

"Marcada por sua adolescência e infância, cheia de histórias que repete sempre que as ocasiões favorecem, Nice tinha que cair, fatalmente, em algo onde sua infância e adolescência estivessem presentes. Isso se cumpriu em suas temáticas na pintura e atividades artísticas com crianças. Nice adentra sutil e claramente diferentes mundos, com uma capacidade especial de compreensão desse mundo diferente de cada um. Ela é tão solidária que às vezes me preocupa. Ela quer resolver os problemas de todo mundo. Ela tem uma face psicóloga e terapeuta. Faz bem conviver com ela. Qualquer falha da parte de Nice, é insignificante diante da grandeza dessa mulher". - Estrigas

"É uma vida dedicada à arte em suas múltiplas dimensões. O próprio espaço de habitação da artista, seu próprio arranjo especial, é uma demonstração de uma vida dedicada à arte e educação" - Adelaide Gonçalves

"Não conheço nenhuma professora que veja assim como a sensibilidade de Nice ver o entendimento com as crianças, com a capacidade de desenvolvê-las e de facina-las. As crianças que passam pela mão de Nice são crianças diferentes são crianças que sabem observar o mundo, sabem observar pequenas coisas: uma flor, uma pêra, um pássaro. Nice desenvolve todo procedimento do crescer da criança". - Inês Medeiros

"É difícil conhecer Nice e não tornar-se sua amiga. Ela é cativante, alegre, divertida, gosta de agradar e está sempre oferecendo algo, sejam produções artísticas e/ou culinárias. São pinturas, bordados, bolos, doces, flores e frutos do seu jardim, que ela carinhosamente dedicada aos amigos e que não são poucos". - Lucia Lustosa

"Falar de Nice pode ser fácil, porque Nice é transparente, desprendida, é exatamente aquilo que é, sem sofisticação, sem rebuscamentos, sem adorno, é a naturalidade. Fui mais que sua aluna, me considero sua discípula e a tive como mestra, alguém que não apenas ensina ou exerce a arte, mas que professa e contagia o prazer, a alegria, a arte de viver bem a vida. O bom humor de Nice é um toque marcante. Ela conta histórias simples, da vida real, que ganham colorido e forma hilariante por suas colocações. Ela é intelectual, chegando a ler 5 livros por semana. Mulher atuante, professora dedicada, política, sabedoria do seu papel no mundo, dinâmica, ativa, sensual. Sim, na sua idade a feminilidade lhe salta à pele pelo tônus vibrante que imprime a todas as realizações. Ágil, alegre, guerreira e criativa, perspicaz e inteligente como é a mulher nordestina. Valores firmes e idéias revolucionárias, sem tirar o pé do chão e sem perder a doçura". - Noberta Silva

Img 50 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Img 51 • **Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)**

"Nice faz poemas com seus bordados e faz de seus bordados poemas. Foi considerada, com justeza, no ano de 2007, Mestra da Cultura, título, sabiamente rebatizado, Tesouro Vivo. Ela tem a natureza por inspiração. Seu jardim e a singeleza das crianças, que também habitam em suas pinturas. Mulher lutadora enfrentou a sociedade de sua época, vencendo e se impondo como artista plástica. Nice consegue despertar o potencial criativo de cada pequenino, deixando aflorar a arte que existe em cada um". - Maria Mercedes Capelo

"Nice é patrimônio de nossa casa, no conservatório, é um patrimônio de nossa cidade, é patrimônio da cultura brasileira. Quem priva a ação de Nice é sempre encantado com sua capacidade de relacionamento e sua criatividade. Uma artista que também é educadora. Ela parte de histórias muito bonitas, onde vai desvendando a natureza. Faz gosto ver os quadros de Nice no EUA como na Europa, retratando sempre a paisagem brasileira, sobretudo a folclórica: a ciranda, as cantigas de roda, o bumba-meu-boi, a festa de padroeiro, as festas do ciclo junino, toda aquela gama bonita do natal até a chegada dos reis, o colorido dos balões e São João. Toda a paisagem brasileira é retratada dentro do trabalho de Nice". - Mirian Carlos

Img 52 • Fonte: Nice & Estrigas - Arte Afeto (2013)

"A obra de Nice não trata de sonhos, não é ficção; é tudo o que já foi sonhado por ela, se mexendo em sua realidade. Lembro que quando ela estava se preparando para fazer cirurgia de catarata, ela passou a pintar obsessivamente. A hipótese de que poderia ficar com a visão comprometida fez com que Nice reagisse pintando incansável e incessantemente. Tive o ímpeto de Frida Kahlo (1907 - 1954) em suas respostas plásticas à dor, teria pintado auto-retratos com os olhos furados e vasos sanguíneas delirantes, na forma de incontroláveis raízes sedentas a saltar fora do rosto. Nice carrega em si essa luz, essas cores, essa movimentação, essa realidade. Pinta a sabedoria do seu coração, por isso transforma até angústias e medos em quadros iluminados, deixando sempre vazar em frestas o calor sereno da sua pessoa". - Flávio Paiva

"A arte de Nice me espanta pelos seus sentidos, pelos seus mistérios. Coisas que vem de dentro. Sua obra é parte de uma coerência com seu mundo de mulher. Numa terra onde ser artista, principalmente mulher, era quase ser marginal, numa época em que a mulher não havia ainda começado a questionar seus direitos, este fato deve ser visto com o maior respeito pela cultura cearense". - Bené Fonteles

"Quando nos deparamos com os quadros de Nice, ficamos logo encantados com a atração fabular de imagens multicolores que nos lembram a infância como um álbum de recordações. É quando numa sensação esquisita temos a impressão profunda de que ao invés de olharmos para eles, estamos mesmo é sendo observados ou talvez indagados se não abandonamos a criança que precisa viver eternamente compartilhando da aventura cotidiana de cada um de nós". - Flávio Paiva

"Os quadros de Nice não são felizes e não poderiam ser de outro modo. Ela mergulha no imaginário da criança e revive com incontido fascínio o mundo infantil. Parece que ela revisita uma infância para desmistificá-la". - Gilmar de Carvalho

Img 53 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Img 54 • Fonte: http://minimuseuirmeza.org/

DIÁRIO DE NICE

Nesse item da fundamentação, eu tento juntar retalhos vividos por Nice, devaneios, chistes e costurar tudo com a mesma propriedade com que ela tece os fios de suas mandalas e borda seus "parangolés" com as cores fortes das linhas matizadas.

Em seu diário, Nice escreve receitas criadas, expõe histórias de vida tão rica e exemplar, suas lembranças e romantismo, mantendo viva a chama do amor, oferecendo-o gratuitamente. Nice era uma grande narradora. Suas histórias se enroscam uma na outra, como os novelos dos fios dos bordados à mão ou como as cores se superpõe, se aproximam e se afastam nas figuras que delineia nos guaches, telas e óleos.

Suas reflexões, pedidos e desabafos foram compilados de seu diário por Lúcia Lustosa Martins e publicado no livro da autora "Nice pinta e borda.. faz arte". A seguir aponto alguns trechos que considero importante para compreendermos melhor os sentimentos de Nice:

Img 55 • Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)

No teatro do colégio, eu sempre contracenava com o Mozart Brandao. Ele dizia:

-Nice, só te dão papel canalha.

E eu respondia:

-E tu só contracena comigo.

Todo dia o colégio terminava às 11 horas, tínhamos que rezar um terço. As freiras tinham marcação comigo porque eu não engolia essas coisas. Elas ficavam na porta e diziam:

-Quem quer ficar para rezar o terço?

Eu nunca ficava. Um dia, uma delas disse:

-Hoje você fica.

-Só se for à força. Respondi.

-Eu vou dizer a Dona Hermeta, você é muito desaforenta.

Ora! Elas ficavam forçando, eu não tinha me oferecido!

Um dia a escola ganhou uns crucifixos para colocar em cada sala, fizeram um sorteio para que uma aluna de cada turma fosse à madrinha. Colocaram o nome de todas as meninas, quando saiu o meu, D.Creuza falou admirada:

-Logo Nice?!

-Deus é justo. Respondi.

Por causa das opressões eu reagia. Se não tivesse reagido eu tinha sido inutilizada.

Img 56 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

Nice é assim, divertida, sem cerimônia vai falando o que vem à cabeça, o que muito agradava os alunos. No seu diário, registra momentos de alegria, solidão, saudade e amor. Para Nice, não existe momento de ódio. Ela não atribui a terceiros suas desventuras, aliás, não registra mágoas, apenas os sentimentos que experimentou em relação à família (marido, filha e netos), aos amigos, à arte, à natureza, enfim, ao seu mundo.

Nice é uma mulher inquieta, plena de amor e ansiosa para ajudar a todos.

"As plantas e as flores me incentivam.
Tornam minha vida menos solitária".

Nas fases de inquietude pelas quais passam todos os artistas, Nice expõe suas chagas, seus amores, canta a natureza e os pássaros. E a fase seguinte foi de intensa produção artística, o que estava reprimido, guardado, desejando se mostrar, surge numa explosão, como uma rajada de luz, linhas e formas.

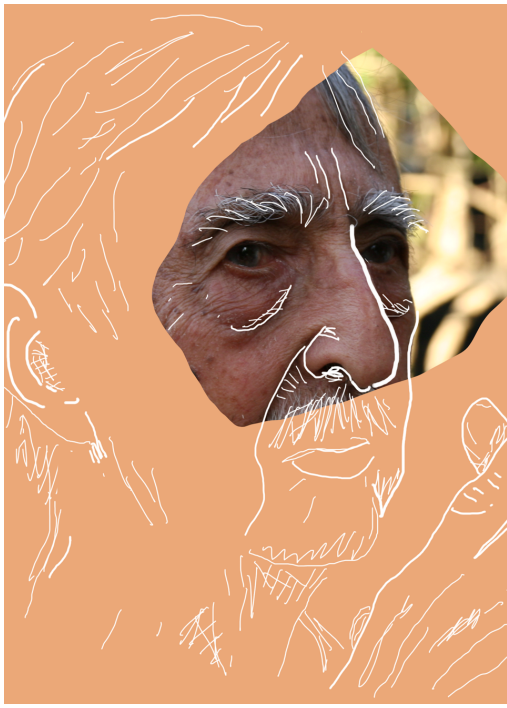
A melhor de suas lembranças é Aracati, seu berço, porque lá viveu uma infância feliz, recebendo o mimo dos pais e irmãos. Sofre com a teimosia dos professores que não aceitam seu método se fazer algo para a felicidade das crianças.

No ano de 1982 ela registra em seu diário a tristeza que perturba seu coração: a transferência da filha. Ela considera um castigo viver longe de quem tanto ama e diz que desde pequena, a martirizam com a separação. "Há dias de satisfação plena, mas, em outros, sinto-me deprimida sem saber o porque".

1983 - Nice fala da saudade e do amor pela filha querida e netos ausentes e do trabalho intenso para ajudá-los. E assim expressa:

De Nice para a filha Lourdinha
Minha querida filhinha,
a Deus te quero entregar
para que ele te ajude
naquilo que precisar.
Só Deus e nossa Senhora podem
te ajudar, porque o resto do mundo
só vive para explorar.
Tua mãe deseja tanto
te ver alegre e feliz,
pois tua alegria
foi tudo que sempre quis.

Img 57 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**



Img 58 • 59 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**

Nice tem os sentimentos à flor da pele e procura de todas as maneiras demonstrá-los. Ela fala do amor que sente por seu companheiro, cobrando-lhe mais romantismo, conforme veremos:

27/05/1982

"A rotina me enerva sempre a mesma coisa e eu desejando que o meu companheiro seja romântico e apaixonado, mas como tudo muda. A diferença é enorme, como poderia uma velha de 60 anos atrás de romantismo? Isso é ridículo - Amadurece Nice".

02/09/1982

"Que lindo pôr-do-sol, as nuvens parecem mais labaredas de fogo caindo do céu, fico a cismar olhando o céu e digo a mim mesma esse sol dentro de mim é igual ao meu amor por Nilo, esse fogo contido, esse desejo de extravasar, de dar e receber carinho".

EXPOSIÇÕES

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1975 - “Nice 25 Anos de Arte – Casa de Cultura, Palácio da Luz (Fortaleza - CE)

1980 – “Nice” – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC (Fortaleza - CE)

1981 – Flexa Galeria de Arte (Salvador – BA)

1981 – Galeria da Aliança Francesa (Salvador – BA)

1985 – “Nice-Gilmar”- Lançamento do livro Buick Frenesi, de Gilmar de Carvalho (Fortaleza - CE)

1991 – “As cores da infância”- MAUC (Fortaleza - CE)

1993 – Aliança Francesa (São Paulo – SP)

2005 – “21 Mandalas – Museu do Ceará (Fortaleza - CE)

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1951 - VI Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1952 - VIII Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1952 - I Salão do Novos, 1° lugar (Fortaleza - CE)

1953 – IX Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1953 – II Salão dos Novos (Fortaleza - CE)

1954 – X Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1955 – XI Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1956 - XII Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1958 – XIV Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1960 – I Amostra de Arte de Vanguarda (Fortaleza - CE)

1961 – Exposição Comemorativa da Instalação do MAUC (Fortaleza - CE)

1963 – “A Paisagem Cearense”- MAUC (Fortaleza - CE)

DIÁRIO DO NORDESTE | FORTALEZA, CEARÁ - DOMINGO, 12 DE OUTUBRO DE 2008 CADERNO3 | 7

Casados há mais de 40 anos, Nice e Estrigas Firmeza brincam de roda, relebrando os doces tempos de criança FOTO: ADRIANA PINHEIRO

Infância de jasmim

Famosos por seus trabalhos nas artes plásticas, Estrigas e Nice Firmeza tiveram a menina regada a muita fantasia

ANA CECÍLIA SOARES
Especial para o Caderno 3

Na vida há aromas que marcam, profundamente, certos acontecimentos, datas e, mesmo, épocas vividas por nós. Na infância isso parece aflorar mais. Assim, há quem diga que ela cheira terra molhada, quando é banhada pela água da chuva. Outros já acham que em cerâmica de pipoca-doce ou, simplesmente, que é uma mistura do cheiro de pão ensolvecido com o de pé-de-moleque. Sem falar nas lembranças sussetadas pelos aromas provenientes do milho assado, pastinha de giz e o fresinor das frutas. Nos museus os perfumes, assim como são muitas as lembranças.

Para o casal de artistas plásticos, Nilo (mais conhecido por Estrigas) e Nice Firmeza, foi o perfume de jasmim que lhes conferiram os sonhos e as travessuras dos bons tempos de infância. Ela no interior e ele na capital era só uma coisa: jasmim. O engraçado de tudo é que o tempo passou, mas o casal Firmeza e nada a sua casa parecem estar sempre exalando o tal do perfume. O que, na verdade, é natural à duas pessoas cujo coração e a alma são tão puros como os de uma criança.

Fios de memória

"Não consigo lembrar direito da minha infância, o que me vem à mente são alguns fios de memória, fotorrnados no passado, posso dizer que fui uma criança traquina, mas é claro, que não deixava de fazer as minhas traquinagens", conta o artista plástico Estrigas Firmeza. De acordo com ele, seus "tempos de menino" se encontra dividio em dois momentos distintos, baseados em duas residências onde viveu. "Foram dois modos de viver e fico triste, não há uma seqüência e nem uma história inteira para contar. Lembro-me da primeira casa onde morei, ficava na Rua Barão do Rio Branco entre Pedro Pereira e Pedro I. Era uma casa grande, acho mas de antigamente, só o quintal menava meio quarenão".

O artista contou que na antiga residência havia uma área elevada, de onde via as festas realizadas por um clube, localizado do outro lado da sua rua. "Gostava de apreciar as festas lá de cima, era muito bom", afirma. Como toda criança, o pequeno Estrigas também tinha seus medos, que, muitas vezes, chegava a tirar-lhe o sono. Diz só restava "contar carneirinhos" e esperar adormecer.

De pequena, Nice já mostrava sua veia artística FOTO: ARQUIVO

"Naquela época havia uma história assustadora sobre o "navio dos cabeludos". Quando a menina não queria cortar o cabelo, dizia-se que os cabeludos iam levá-los para seu navio e lá lhe raspavam a cabeça, para depois os lançarem mar adentro".

Cornudo, o medo maior sentido pelo artista, que lhe rendeu várias noites de pesadelos, viso, mesmo, de um fato real. "Eu tinha uns dez anos, já morava na casa da Rua 24 de Maio, quando correu a notícia de um incêndio perto do mercado. Fui numa carreira só para vê-lo, mas, assim que cheguei na esquina, ouvi que estava havendo o incêndio, e vi todo aquele fogaréu subindo, dei meia volta e retornei o mais rápido que pude. Foi a pior experiência que tive na infância", conta.

Eterna menina

Ao contrário do marido, Nice Firmeza foi uma criança muito travessa e estava sempre a fazer planos para se livrar da vigilância da mãe e dos irmãos. Afinal, ela era a única filha mulher e os cuidados eram extremos. "Naquela época eu tinha que botar a cabeça para funcionar, enganava a mamãe sem nem ela saber. Se não firmse isso, já vuffia um negócio sério, a gente tinha que mentir, para poder conseguir alguma coisa", conta ela, em meio a gargalhadas.

O cenário de suas brincadeiras e peripécias infantil foi a cidade de Aracati da década de 20. "A minha infância foi muito feliz. No interior, naquela época, não tinha colégiomeno e nem carros nas ruas. A gente brincava de roda na calçada e na areia. Ora, era tanta da brincadeira que se fazia, bons tempos aqueles", diz.

Na escola junto ao amigo chamado "Carmadelli" aprontou muitas danações. Uma das mais engraçadas aconteceu quando entrou uma novata em sua turma. A menina Ele deduziu para o professor sobre um desenho que havia feito desse. Resultado, levou três dias de suspensão. "O Carmadelli me disse que a menina ia pagar pelo que me fez", lembra.

Segundo Nice Firmeza, naquela época a escola estava em construção e tinham um buraco enorme no pátio. Toda a menizada adorava pular nele, mas só quem podia tirá-los de lá, era o Carmadelli, pois era o maior e o mais forte da turma. Aproveitando-se disso, o garoto encontrou a oportunidade para vingar a amiga.

"Ele falou para todos nós pular no buraco que depois nos retirava, mas o mesmo não iria acontecer com a novata. Quando terminou o recreio, ele tirou a gente, mas o deixou lá. Antes de ir para a sala, ordenou a menina a não dizer nada a professora, pois se não ia ver só. Tadinha, ficou tão assustada que nunca mais deduroou ninguém", diz.

"Pega-pega", "esconde-esconde" e futebol era algumas das brincadeiras de Nice. Mas, a de roda era a preferida. Num sopro de passado, cantou um trecho de uma cantiga de infância: "Senhora Dona Cândida coberta de ouro e prata, descobra o seu rosto quero ver a sua cara. Que anjos são esses que andam perrenando, é de noite é de dia padre nosso, ave-maria!". Enquanto cantava, Estrigas, seu esposo, disse docemente: "A infância parece não ter passado para Nice. Ela é uma eterna menina". ●

O POVO FORTALEZA-CE, SEGUNDA-FEIRA • 9 DE MARÇO DE 2009

Páginas azuis

[+] MEMÓRIA > ARTES PLÁSTICAS > HISTÓRIA > CIDADE

legenda

O trem da vida

<ARTES PLÁSTICAS > Maria de Castro Firmeza, a Nice, 87, e Nilo de Brito Firmeza, o Estrigas, 89, formam o mais longevo e admirado casal em atividade nas artes plásticas cearenses. Eles mantêm um acervo de mais de 700 obras que ajudam a contar e a preservar a história da arte no ceará

Juliana Girão
Tiago Coutinho
Da Redação

Nice e Estrigas são dois bem-aventurados viajantes pelas estações da vida. Ela, prestes a completar 88 anos. Ele, na balzinha dos 90. Juntos, formam o casal mais admirado das artes plásticas do Ceará. Não somente pelo talento, mas apenas pela longevidade. Mas por um "quê" de amor e dedicação com os quais a dupla se entrega ao que se propõe a fazer. Ela, com seus jardins, bordados e doces deliciosos. Ele, com seus escritos e pesquisas sobre a história da arte cearense. Os dois, com produções artísticas tão diferentes. O colorido dela. Os tons pastéis dele. Mas unidos por um só trilho. Quem tem o privilégio de conhecer os dois de perto, encanta-se. Com o Vida & Arte, não foi diferente.

Numa manhã de sexta-feira, véspera de Carnaval, O POVO foi recebido na residência de Nice e Estrigas, no Mondubim, bem em frente a linha férrea que corta o bairro. A casa, rodeada de plantas e flores, além de dois ateliês, também abriga, desde 1900, o Minimuseu Firmeza (ou Espaço Cultural Firmeza(r)), que soma mais de 700 obras das mais diversas épocas da história da arte cearense, além de livros e documentos. O acervo é mantido pelo casal por conta própria. Sem filhos, Nice e Estrigas dedicaram (e dedicam) a vida às artes plásticas. Até hoje os dois continuam produzindo trabalhos. Estrigas pinta sempre que tem vontade. Em fevereiro último, ele lançou o livro Ariecrítica (reunindo artigos publicados na imprensa local desde a década de 1960 até hoje) e a exposição Cabeças Feitas, no Museu do Ceará. Nice se dedica a ensinar pintura e bordados para crianças e mulheres.

Maria de Castro Firmeza, a Nice, foi a primeira mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap), na década de 1950, como aluna do Curso Livre do Desenho e Pintura e de Iniciação à História da Arte. Quando um artigo namorado lhe desafiou: "ou eu ou a arte", ela não teve dúvidas. Ficou com a arte. E foi nela que encontrou o companheiro de toda a vida, Nilo de Brito Firmeza, o Estrigas. Ele já era formado em Odontologia (profissão que exerceu durante décadas) quando entrou para a Scap, também na década de 1950. Desde então, o casal participou ativamente do movimento artístico local e nacional. Durante a entrevista, que durou mais de duas horas, Estrigas mostra que seu humor está cada vez mais afinado. Disse que sabia que só seria publicada a parte "inglória" da conversa. O "chumbo-grosso" seria cortado. "Mesmo assim, eu falo!".

O POVO - Como vocês chegaram aqui nessa casa no Mondubim?

Nice - Essa aí ele responde. É do lado dele.

Estrigas - Eu chuguei aqui no Mondubim ainda criança. Quando meu pai comprou esta propriedade, eu ainda não era nascido. De forma que eu posso dizer que desde que nasci eu ando por aqui, mas era uma coisa antigamente para o fim-de-semana, para temporadas, para férias. Nesse negócio, a infância foi correndo, chegou a adolescência. Aí o tempo foi comendo a gente, a gente comendo o tempo, e estamos hoje aqui. Aí veio a sociedade toda.

OP - Mas quando o senhor passou a morar definitivamente aqui?

Estrigas - Pois é... Ela (Nice) entrou na jogada em 1961, a gente veio para cá e ficamos aqui.

Nice - Ninguém queria morar aqui, e ele (Estrigas) era louco por isso. Ele não andava na Aldeota.

OP - Este ano o senhor completa 90 anos. Como o senhor se sente?

Estrigas - Primeiro, tem o que o (pesquisador) Gilmar de Carvalho fala... Ele me deu uma cana. Ele disse: "Estrigas, você está na casa dos 90". Muito bem, por conta da casa dos 90, eu chuguei à última fase da vida. Você passa pela infância, pela adolescência, pela maturidade. Aí chega no fim da carreira. Eu me sinto um viajante que passou por essas estações todas e está na última estação. Depois dessa última, não sabe onde a estrada vai sair. Eu fiz essa caminhada. Foi feita com coisas boas e não boas, mas não preconceitos. Hoje eu estou curtindo a última fase. As pessoas chamam terceira idade, eu chamo de última idade. (Nesse momento, Estrigas pede licença para se retirar do local da entrevista).

Nice - Ele está mandando cortar uma árvore. Mas ele é um computador. Ele vê uma pessoa, e zunca mais se esquece. Eu não... Eu fico pensando... A pessoa lá comigo, mas não lembro o nome. Tem que dizer logo, que eu não me lembro. Mas ele grava tudo, pode pesar anos que ele não esqueco.

OP - A senhora vai fazer 88 anos. Como a senhora lida com essa questão da idade?

Nice - Eu acho que não vou muito longe não, sabe. Ele (Estrigas) é mais fácil. Ele tem muito cuidado, se poupa. Eu não. Eu sou abvorcada. Quando o quero fazer uma coisa, eu faço. Ele diz: "não se abalxa, não faz isso..." Eu digo "tudo bem", mas faço fazendo. Eu gosto de cuidar das plantas. Quer dizer, eu não tenho muita garantia não e eu sei disso. (Estrigas volta)

OP - Estrigas, o senhor estava dizendo que ao longo de 90 anos tem muita coisa boa e muita coisa ruim. Quais foram as melhores coisas?

Estrigas - Assim, eu não guardo nada assim para dizer "isso foi isso". Mas a gente sabe que teve momentos bons. É como ler um livro e depois você, mesmo sem recordar o que diz o livro, se lembra que o livro era bom ou não era. São recordações de épocas... Época do Licen (do Ceará), por exemplo... Eu me lembro de acontecimentos.

OP - Foi lá que o senhor recebeu o apelido de Estrigas...

Estrigas - De Estrigas não, de Estriguinhas. Um dia desses eu vi no jornal uma reportagem que dizia desde a infância. Que infância coisa nenhuma. O jornal, a imprensa nossa, é responsável por muitas deturpações na vida das pessoas e dos acontecimentos.

Img 60 • 61 • Fonte: Publicações na Mídia

1964 – XIV Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1967 – I Salão Nacional de Artes Plásticas (Fortaleza - CE)

1968 – XVIII Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1969 – "Mostra Dupla"- Galeria Raimundo Cela (Fortaleza - CE)

1969 – II Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará

1969 – Exposição Coletiva de Pintura por ocasião do lançamento do livro de Estrigas, Aspectos da arte pré-histórica do Ceará – Salão Antônio Bandeira, Cidade da Criança (Fortaleza - CE)

1969 – XIX Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1970 – XV Salão de Abril (Fortaleza - CE)

1971 – "Livraria Universal"- Estrigas e Nice no MAUC (Fortaleza - CE)

1971 – III Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará – Casa de Raimundo Cela (Fortaleza - CE)

1972 – SCAP – MAUC (Fortaleza - CE)

1972 – Nice e Estrigas – MAUC (Fortaleza - CE)

1973 - XVIII Salão de Abril, participação da Sala Especial (Fortaleza - CE)

1975 – 1° Salão Histórico da Arte Cearense – Salão Antônio Bandeira (Fortaleza - CE)

1975 – Salão Nacional de Artes Plásticas no Ceará (Fortaleza - CE)

1978 – XXVIII Salao de Abril, Sala Especial (Fortaleza - CE)

1979 – XXIX Salão de Abril, Sala Especial (Fortaleza - CE)

1982 – Exposição de Pecas escolhidas do Mini-Museu Firmeza – Unifor (Fortaleza - CE)

1982 – "As cores do Nordeste"- Casa de Cultura Palácio da Luz (Fortaleza - CE)

1983 – "Circuito dos Artistas Plásticos da Região Nordeste"- MAUC (Fortaleza - CE)

1985 – "Imagens das Cores"- MAUC (Fortaleza - CE)

1986 – Maison des Cultures du Monde – Brèsil Naïf (Franca)

1986 – Salon Internacional d'Art Naïf (Nice – Franca)

1986 – Brèsil Naïf (Marrocos)

1986 – 3éme Salon Internacional d'Art Naïf – Galeria de Nesles (Paris – Franca)

1992 – Arte Terapia (Coletiva) (Toulon – Franca)

1993 – Galeria Aliança Francesa (São Paulo – SP)

1998 – "4 Scapianos": Nice, Estrigas, Raimundo Garcia e José Fernandes – Museu do Ceará (Fortaleza - CE)

2003 – "Estrigas e Nice"- Galeria Oboé (Fortaleza - CE)

2004 – "Nice e Estrigas: o encontro da vida com a arte"- Unifor (Fortaleza - CE)

2013 – "NicEstrigas: Arte e Afeto"- Museu da Cultura Cearense (MCC), Centro Dragão do

Img 62 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**
Escultura "Nice", homenagem de Zenon Barreto

Estudar sobre a história e obra de Nice Firmeza tem sido muito prazeroso. Quando vejo toda a estrada por ela percorrida, sinto-me privilegiada por ter convivido, mesmo que quando criança, com uma artista de tamanho talento e ao mesmo tempo tão simples.

Aprendi bastante com sua coerência, no sentir, no pensar, no agir e no viver. Nice é um exemplo para os artistas e para os educadores. Um exemplo de vida, de superação, de mulher que não aceita restrição à criatividade e preconceitos. Outro ponto que tenho a maior admiração, diz respeito à integração do casal, o amor recíproco, um respeito e cumplicidade observada entre eles.

Nice era cativante, divertida, gostava de agradar e encantava as crianças e os amigos com seus modos delicados e a atenção que nunca nega a quem quer que seja. Existem pessoas cuja vida é tão rica que se torna digna de narração e Nice Firmeza definitivamente era uma delas.

ESTADO DA ARTE

Será possível criar um suporte, produto de uma metodologia científica ou projetual, que consiga apresentar conhecimentos visuais e híbridos de forma a aguçar os sentidos e sentimentos do leitor? Apresentação de informações e conhecimento de natureza puramente visual e material desperta a atenção dos leitores, principalmente na realidade atual em que vivemos. Nesse mundo tecnológico e interativo, a imagem se mostra relevante, facilitadora dos processos, geradora de sentido e decodificadora da realidade à sua volta.

A escolha pelo estudo da gênesis do projeto gráfico de um livro como objeto de pesquisa da comunicação se deve a importância do livro na história da comunicação, como propagador de conhecimento e de informações, não somente em seu conteúdo, mas, também, em sua forma: o livro como um texto, que pode funcionar como uma extensão de seu conteúdo por meio de um projeto gráfico; o livro que traz a imaterialidade dos saberes e a materialidade como suporte próprio, e que tem esse caráter híbrido em sua conformação; o livro como objeto, que tem um processo artesanal agregado a sua forma, que é construído. Sendo assim, entendemos que o design gráfico, nesse contexto, pode ter um papel central na transmissão e socialização do conhecimento.

Os designers, como detentores dos conhecimentos da linguagem visual, podem fazer uso dessa linguagem para criar sentido e promover associações conscientes dos elementos como ferramentas para uma melhor assimilação dos conteúdos. Por meio de recursos de diagramação e condução do olhar, é possível facilitar a interação do leitor com o conteúdo verbal, por exemplo, ou até mesmo dar destaque para a materialidade do projeto como forma de instigar o leitor a explorar o material em questão.

Img 63 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**
Escultura em Barro, homenagem de Vando Figueiredo

O processo cognitivo pode, dessa forma, ser facilitado por meio de uma interface visual para que o nível de abstração na transmissão do conhecimento de natureza material e visual seja menor, de modo a ilustrar melhor esse conhecimento. Na visão de Bonsiepe, "a comunicação eficiente depende do uso de recursos que contêm necessariamente um componente estético" (BONSIEPE, 2011, p.85). Uma interface que facilite a apreensão de conteúdos pode ser pensada pelo design gráfico por esse campo de estudos ser detentor de ferramentas metodológicas e projetuais capazes de facilitar a assimilação de conteúdos de diferentes naturezas. Como afirma o supramencionado autor:

> Abrem-se enormes possibilidades justamente para o design ligado ao domínio da percepção para revelar o potencial da visualidade. Não se trata de um papel secundário de elaborar ilustrações para apoiar o domínio do texto, mas da visualidade como domínio próprio. A ciência da imagem está se consolidando, liberando-se gradativamente da predominância da pintura como temática central da arte. O design teria aí um bom ponto de partida para explorar o potencial da visualidade e confirmar sua qualidade epistêmica. (BONSIEPE, 2011, p.39)

A disciplina do Design pode se destacar dentro do processo cognitivo como um meio para melhorar a visualização e a apresentação de conteúdos por meio de seus métodos de projeto. É possível afirmar, portanto, que

Img 64 • **Fonte: Nice & Estrigas – Arte Afeto (2013)**

"(..) os conhecimentos, considerados como experiências acumuladas, devem ser comunicados e compartilhados. Esse processo de mediação entre a fonte e o receptor está ligado à forma de apresentação dos conhecimentos, que deveria ser uma tarefa central do design". (BONSIEPE, 2011, p.85)

Bonsiepe (2011) também pontua que no processamento das informações, a maneira como dados e informações são apresentados tem um papel importante. Apreende-se, portanto, que "o design pode facilitar a sua recepção e interpretação, permitindo uma ação mais eficiente" (BONSIEPE, 2011, p.84).

Dessa forma, o design da informação pode vir a se configurar como uma possível ferramenta que confira maior acessibilidade dos conhecimentos às pessoas: uma peça-chave na tradução, apresentação e transmissão do conhecimento em diferentes áreas. Uma ferramenta eficiente de comunicação em que o designer se utiliza do poder da imagem como um atrativo para o conteúdo ou da escolha de diferentes materiais que dinamizem o formato do projeto como formas de diminuir a complexidade da abstração da linguagem verbal para demonstrar o conhecimento.

É importante pensar de que forma o design se coloca enquanto ferramenta na socialização do conhecimento, com atenção especial para o principal suporte que possibilitou o repasse do conhecimento através de gerações em seus diversos formatos: o livro, que é um dos objetos mais importantes na história das civilizações e tem um papel fundamental no armazenamento, na socialização e na transmissão do conhecimento na sociedade enquanto suporte para os mais variados tipos de conteúdos produzidos.

O livro é um objeto que tem uma presença física e comunica por meio dessa presença. Esse potencial é pouco explorado no repasse do conhecimento e queremos, com nosso projeto, pensar as relações entre a palavra e a imagem, a visualidade como um domínio próprio, que tem a sua própria mensagem ou inúmeras mensagens abertas a interpretações. Queremos chegar numa proposição em que o livro seja visto como o objeto, que carrega uma dimensão sensível, materialmente manifesta e pensada por meio de um projeto. A arquitetura física do livro e o que ela pode trazer por meio de sensações nessa sua forma.

Nesse sentido, pensamos que o livro pode funcionar como uma experiência sinestésica, que envolve e cria uma atmosfera por aguçar os sentidos, mas principalmente que comunica e fixa o conhecimento por meio dessa experiência, que pode ser visual, tátil, olfativa, auditiva e, por que não, até gustativa. É nesse ponto da experiência, por meio dos sentidos e da forma que o conhecimento pode ser apresentado, que o design pode vir a contribuir.

Ao entrarmos em contato com algum livro, também fazemos leituras naturais, por meio de nossos sentidos, das formas desse objeto, de seu material, de suas cores, de seu tamanho. Essa dimensão sensível a que somos submetidos nos oferece uma interação com a interface com a qual podemos fazer análises.

Ao lermos um livro de edição de bolso, por exemplo, normalmente, o seu formato não nos chama a atenção pelo tamanho ou pela qualidade do papel utilizado e provavelmente ele não terá uma diagramação que fuja muito do convencional. Já uma edição especial de um mesmo livro, provavelmente terá um apelo visual completamente diferente, desde a mudança de materiais, a utilização de ilustrações, laminações e acabamentos especiais. Essa dimensão sensível da leitura pode ser manipulada pelo designer que faz as escolhas gráficas de um projeto e que detém o conhecimento de como os elementos da linguagem visual podem ser utilizados de forma a contribuir para um projeto com unidade entre o seu conteúdo verbal e o seu conteúdo material e visual.

A materialidade do livro está sendo subaproveitada à medida que a sua condição de objeto tem um potencial a ser explorado que é o de transmitir conhecimento e construir afetos por meio da forma.

Por entendermos o livro enquanto esse objeto, dotado de uma materialidade capaz de fomentar novas possibilidades de acesso ao conhecimento e instigar outros sentidos do seu leitor/usuário, pensamos em realizar esse projeto gráfico de confecção de um livro-objeto. Pretendemos que, por meio de projetos como ele, o engajamento na leitura se dê no nível da expansão da experiência literária do contato com o conteúdo do livro por meio do contato com a sua forma, mas não unicamente por meio desta. Segundo Lacerda (2011), sobre o tema:

> "Fruto de decisões conscientes e desejos pessoais, o design influencia a materialidade do livro-objeto e atua na experiência literária por ele gerada, sendo capaz de situar o leitor em face da obra. Como processo que articula e costura subjetividades, o design é presença essencial na realização do objeto-livro e coloca-se junto ao leitor para colaborar no contato com o outro e o reconhecimento do humano em si" (LACERDA, 2011, p.9).

Img 65 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**
Óleo sobre Tela, homenagem de Mariza Viana

Pensamos que, ao entrar em contato com o conhecimento dessa forma, distinta da leitura convencional e mais aberta aos sentidos, seja possível que os leitores/usuários criem relações com o conhecimento por meio desse suporte, que eles sejam aproximados desse objeto porque ele tem uma presença física que proporciona uma experiência. Uma aproximação que poderá criar relações de afeto e de estranhamento, mas que, de qualquer forma, crie relações com quem entrou em contato com esse suporte, conforme destacam Coelho, Pires e Villanova (2003) na locução de Coelho (2010):

> "Como qualquer outro objeto, um determinado livro representa saber, status e memória desse saber para seu usuário. Representa fragmentos da vida do leitor, lembranças e contextos associados ao momento da leitura, por exemplo. (...) Há leitores que intervêm nas páginas dos livros com glosas – anotações, marcas de leitura e sinais – e, assim procedendo, contribuem para essa individualização. Há, ainda, a dedicatória, o ex-libris e as encadernações que lhe acrescentam valor de venda e, em especial, valor afetivo. O papel, a cor, o tamanho... até o cheiro de um livro tornam eloquente o seu significado para além do objeto em sua espécie. Defeitos de página ou marcas individuais de determinado livro funcionam, ainda, como fatores mnemônicos. Nos fazem lembrar do texto em si, do conteúdo daquele livro" (COELHO; PIRES; VILLANOVA, 2003, Apud COELHO, 2010, p.160).

Os profissionais do design podem explorar as possibilidades das metodologias de projeto e da qualidade material dos livros para criar projetos gráficos experimentais. Ampliar a experiência de leitura das pessoas por meio dos sentidos para que a captação do conhecimento se dê por meio do envolvimento do usuário com a interface e o uso da transversalidade dos sentidos funcione como uma ferramenta para conectar esse usuário com o conteúdo da interface promovendo, também, dessa forma, o alfabetismo visual.

Sendo assim, esse projeto propõe uma tentativa de convivência entre todos de forma a enriquecer o arcabouço de referências do leitor por proporcionar experiências em diferentes níveis de contato com cada um.

Apresento a modalidade de livro-objeto como uma possibilidade de ferramenta para exposição de conteúdos dessa natureza. A fim de estabelecer diretrizes futuras para este estudo, são analisados exemplos de livro-objeto, além de pensar sobre o que é esse livro experimental e de que maneira ele pode se apresentar.

Img 66 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**
Mista, homenagem de Stênio Burgos

LIVRO OBJETO

A partir de uma visão interdisciplinar, que une a teoria da comunicação e do design da informação à práxis do design gráfico, pensamos num projeto experimental que utiliza a materialidade do livro como dispositivo socializador do conhecimento. Nesse projeto, a ideia é que a partir das estratégias do design explorar a materialidade do livro para transmitir conhecimentos de outras formas que não somente pelo viés da linguagem verbal.

Tentamos utilizar o potencial cognitivo e visual do design no repasse do conhecimento e explorar as possibilidades desse livro: um suporte que tem uma materialidade e uma visualidade intrínsecas a ele, e que comunica também por meio dessas propriedades.

Dessa forma, desejamos fomentar um projeto de comunicação e de design que possa fazer com que pessoas enxerguem outras formas de ler: aproximações do conteúdo por meio da forma. Planejamos fazer com que o formato desse livro funcione como ponte entre os conhecimentos gerados no projeto e os leitores/usuários. Para isso, necessitamos de uma breve definição acerca da ferramenta que desejamos utilizar como estratégia de transmissão de conhecimento: o livro-objeto.

O livro é um objeto que tem uma presença física e comunica por meio dessa presença. Esse potencial pode ser explorado no repasse do conhecimento. Como já foi falado, podemos pensar as relações entre a palavra e a imagem, a visualidade como um domínio próprio, que tem a sua própria mensagem ou inúmeras mensagens abertas às interpretações: a arquitetura física do livro e o que ela pode trazer por meio de sensações nessa sua forma.

É nesse ponto da experiência, por meio dos sentidos e da forma que o conhecimento pode ser apresentado, que o design pode vir a contribuir. As imagens e as formas trazem uma nova percepção e outros significados quando aliadas a um texto convencional. Como afirma Chartier (1994) no grifo de Farbiarz (2010):

> "Parte-se do pressuposto de que um mesmo texto pode ser apresentado de formas diferenciadas e de que essas formas modificam o significado dado pelo leitor. Chartier (1994:13) alerta que " É preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação" (FARBIARZ, 2010, p. 147).

Na sequência do trabalho, trazemos a definição do que é um livro-objeto a partir da obra do autor Paulo Silveira, A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista, e de outras publicações em revistas que possibilitam também o entendimento de como o livro-objeto se desloca do contexto de editoração tradicional, extrapola o conceito livro, e se assume como objeto de arte e de design. A partir disso, questionamos também o fator da reprodutibilidade técnica de um projeto gráfico de um livro-objeto.

Livro-objeto, livro de artista, livro experimental, livro sensorial, livro lúdico, livro performático, livro ilustrado, livro de arte, livro poema, poema-livro, livro obra. Muitos são os nomes possíveis. São diversos os livros que podem ser considerados de alguma maneira livros de artistas. Adoto a nomenclatura "livro-objeto", pela dimensão da materialidade e da condição de objeto que consideramos que o livro detém e para me referir ao produto específico que será gerado a partir desse estudo sobre a artista Nice Firmeza.

Podemos considerar um livro-objeto, um caderno de anotações (como os cadernos de Leonardo da Vinci, do século XV), ou os cadernos de esboços (como os cadernos de viagem ao Marrocos, de Eugène Delacroix, do século XIX), ou um caderno-diário (como os cadernos de Frida Kahlo). Segundo a pesquisadora Ana Paula Mathias Paiva o livro nasceu experimental. As evidências demonstram que podemos retroceder no tempo quase indefinidamente na busca da origem do livro de artista. A partir dos registros rupestres, das tabuletas romanas entre outros formatos, somos capazes de perceber as mudanças sofridas pelo livro durante sua história.

O livro como conhecemos hoje passou por diversos costumes, estéticas, necessidades e consequentemente diversos formatos. Mas, a partir da segunda metade do século XX, o livro de artista entrou para as Artes Visuais como um objeto ainda mais específico. A noção de livro de artista aparece então, enquanto produção de obras visuais e plásticas autónomas, com uma intenção explícita de serem reproduzidas, e não tanto como uma experiência secundária em relação ao resto da produção artística. Com o aparecimento da fotocópia, no final dos anos 60 do séc. XX, o artista tem ainda mais próximo de si a possibilidade de fazer tudo sem intermediários, sem mais algum agente que controle ou determine do teor e forma da obra. Segundo Ludmila Britto:

> O livro de artista seguiu o desejo das atitudes artísticas dos anos 1960 e 1970 de ampliar e buscar novos caminhos para a arte, questionando os espaços expositivos convencionais e propondo aos espectadores experiências estéticas sinestésicas que rompiam com uma contemplação restrita à visualidade vinculada aos espaços consagrados das galerias e museus. Além disso, os suportes tradicionais foram renovados (ou desmaterializados [...]), seguindo o legado dumchampiano de questionamento do objeto-arte e dos espaços institucionais, este último como agente legitimador da arte. (BRITTO, 2009)

Neste período de vanguarda artística, o livro de artista muitas vezes entra como um objeto de contestação política, seguido do desejo de ampliar e buscar novos caminhos para a arte, questionando os espaços expositivos tradicionais, como galerias, museus e bibliotecas, e propondo aos espectadores, experiências estéticas sinestésicas. O livro de artista também desafia as leis da era da reprodutibilidade técnica (mencionada por Walter Benjamin — 1955). Um livro convencional possui um certo número de tiragens, enquanto o livro de artista possui pouca tiragem ou, como é mais comum, ser representado apenas por um único exemplar, preservando uma certa autenticidade. No campo do design, um livro de artista é na maioria dos casos um objeto puramente experimental do designer, onde este busca testar seus conhecimentos de composições editoriais e habilidades de narrativa.

Sobre o livro como um objeto, Silveira afirma:

> O livro é um objeto no sentido genérico, uma coisa que pode ser apreendida pela percepção ou pelo pensamento, sendo material e ocupando um lugar no espaço. (Silveira, 2001, p. 122)

Para estes autores – Anne Moeglin-Delcroix, Ulisses Carrión, Clive Phillpot, entre outros – os livros-objeto não são considerados como livros de artista; este tem de ser um livro "normal" como os outros livros escritos que conhecemos e que possa ser arrumado ou encontrado numa prateleira de uma qualquer biblioteca pública ou privada. Defendem o livro de artista mais como portador de um conteúdo – no qual o artista quer dizer alguma coisa não fora do livro nem sem ele – do que como objecto estético.

Stephen Bury, no seu livro The book as a work of art 1963-95, considera que livros de artista são livros, ou objetos com a aparência de livros, sobre cujo produto final o artista tem um elevado, ou total, grau de controle, e onde o livro é tido como uma obra de arte em si.

Como a delimitação sobre o que é um livro de artista, é tênue, é preciso pensar essas diferentes maneiras de se trabalhar o livro de artista ou os livros que permeiam os artistas, as relações entre a palavra e a imagem. O livro de artista chega a ganhar o espaço se confundindo com uma escultura ou instalação, ele é, portanto, um híbrido entre palavra-imagem-objeto. Sobre tais conceituações que se diferem de acordo com o autor, Cattleman declara:

> "O livro pode apresentar-se como livro-objeto, como livro de artista ou livro de artista artesanal; pode fazer parte dos livros de bibliófilo ou manifestar-se como documento de performances, de trabalhos conceituais ou experiências de land art; pode assumir a forma de livro ilustrado por artistas ou de livro-objeto, livro-poema ou poema-livro, e outras denominações, as quais podem diferir a partir da concepção do referido objeto. Em realidade, não estão claros os limites entre o que é um livro de artista e o que não é, pois existem diferenças conceituais de autor para autor1".

De fato, embates conceituais são gerados pela pluralidade dos livros de artista, que podem apresentar-se em exemplar único ou múltiplos. Algumas edições são ilimitadas, não assinadas e não numeradas, acessíveis não apenas em galerias, mas também em livrarias, quebrando a aura fortemente institucionalizada do objeto precioso[2].

Márcia Regina Pereira de Souza em "O livro de artista como lugar tátil", afirma que o livro de artista, é todo produzido e idealizado pelo artista, entre formato, texto e imagem. Souza (2011, p. 39) conclui que os livros de artista "são geralmente produzidos levando-se em conta a estrutura formal e conceitual específica do livro: a forma livro integra as intenções de produção da obra."

---

[1] CASTLEMAN, Riva; *apud* SILVEIRA, 2001, p.36.

[2] SILVEIRA, 2001, p. 46.

Os livros de artista extrapolam o conceito livro rompendo as fronteiras comumente atribuídas aos livros de leitura para se assumirem como objetos de arte. Eles trazem consigo experiências que buscam inovar e tornar a leitura menos previsível. São objetos de percepção. Normalmente são obras raras, muitas vezes únicas.

Pode-se ter em vista, então, que o suporte escolhido para a produção de uma obra delimita sua existência, há uma relação direta entre a escolha do material e sua execução, entre os meios e materiais. Esse tipo de livro tem agregado à ele, conhecimento para se estudar a usabilidade de matérias primas. Abordada a relação entre a arte e a literatura e o livro de artista foi pensado tanto como uma forma de arte quanto um veículo para ela. Sendo assim, a forma, no livro de artista, pertence à concepção do livro e começa com ele, na medida em que o tema do livro compreende a exigência da sua realização em livro.

Neste tipo de livro de artista, o ato de folhear é anulado, sendo agregado outros sentidos geradoras de significações como obra de arte. Até o tempo de leitura muda, pois a mão pode ir e vir de maneira diferente. Funcionam para além do que poderia estar escrito nas páginas que agora se encontram em branco, se estendem no espaço, o atravessam e assim constroem outros significados, despertando no leitor-espectador, outros sentidos, muitas vezes diferentes das dos livros comuns. No livro de artista é possível fazer uso de várias linguagens poéticas (artes visuais, poesia, literatura, etc), somando e criando interligações de tempo, espaço e movimento.

Souza (2011, p. 73) reflete sobre a forma livro e afirma que as suas especificidades espaço-temporais, funcionariam como elementos constitutivos no processo de instauração do trabalho artístico. "As páginas, portanto, não seriam puros receptáculos ou contentores, mas geradoras de significações por suas características próprias".

Img 67 • **Fonte: http://conceitualize.blogspot.com.br**
Duchamp - Caixa Verde (1934)

Em suma, o livro de artista é um objeto de arte que fala por si mesmo, podendo extrapolar inclusive o próprio conceito de "livro", não necessitando de serem lidos para serem compreendidos — na verdade, a leitura deve ocorrer na estrutura geral do livro, e não pelo seu texto. Em sua grande maioria, livros de artistas são objetos de experimentação, podendo conter múltiplos discursos e poéticas.

Podemos concluir que o livro-objeto é uma espécie de recriação do livro em que são feitas modificações e experimentações em seu formato e em sua funcionalidade, de modo que o conceito convencional de livro e os limites normalmente postos a esse meio são ultrapassados para que este se coloque como artefato plástico. Como vemos nas obras de Duchamp e do grupo Fluxus a seguir, que utilizaram o formato livre de livro-objeto para difundir uma série de trabalhos autorais (FIGURAS 16 e 17). Nesse sentido, posiciona-se Britto (2009):

Img 68 • **Fonte: http://moma.org/interactives/exhibitions/2011/fluxus_editions/**
Year Box 2. Coletivo Fluxus (1965-1968)

> As caixas produzidas por Duchamp guardavam reproduções de suas anotações e trabalhos, transformando-se em pequenos museus que questionam e desmistificam as noções modernas de autoria e obra única. (...) remete-nos a iniciativas semelhantes do grupo Fluxus, que utilizou diferentes meio para a difusão democrática de suas ideias e ações a partir dos anos 60. As publicações Fluxus eram tentativas de escape do mercado de arte e suas implicações institucionais. Tais revistas foram amplamente distribuídas, e podiam ser adquiridas nas lojas Fluxus montadas por Maciunas em Nova York (BRITTO, 2009, p.142).

Tais produções, objetos destinados ao manuseio e leitura do espectador, trazem consigo a marca maior da interatividade e da possibilidade de manipulação como convite ao leitor/usuário a quem se destina.

Uma característica marcante do livro-objeto é que a narrativa literária, comumente observada nos livros convencionais, que se utilizam basicamente da linguagem verbal, aqui, é substituída pela narrativa plástica.

Essa modificação da narrativa literária pela plástica, no livro- objeto, é um aspecto importante a ser observado, uma vez que isso confere ao suporte algumas características peculiares como a materialidade; a interatividade; a experiência e a sensorialidade.

A dimensão da materialidade é uma dessas características presente no livro-objeto (D'Angelo, 2013). Vemos que os livros convencionais aproveitam pouco do potencial que a materialidade do livro tem, enquanto suporte, por utilizar em maior grau a linguagem verbal e a narrativa literária. Os materiais que compõem uma obra não apenas a sua estrutura física, mas também podem dotá-la de significado em conjunto a outros elementos do projeto. Segundo Laurentiz (1991),

> O conceito de materialidade não se opõe ao de matéria; vai além. A matéria é a preocupação mecânica com o suporte material, ao passo que a materialidade abrange o potencial expressivo e a carga informacional destes suportes, englobando também a extra materialidade dos meios de informação (LAURENTIZ, 1991, p.22).

A materialidade irá, então, dar o lugar da obra, constituir o livro-objeto de uma espacialidade que expressa e comunica uma mensagem. Essa espacialidade é quem promove o convite à comunicação entre o leitor/ usuário e o objeto: a interatividade. Essa característica mune o livro-objeto de muitas possibilidades, de interpretações e de variações, produzidas na relação de manuseio desse objeto.

A interatividade é o fator que irá proporcionar o maior contato do espectador com o artefato e, nesse tipo de suporte, isso acontece de forma completamente ativa, uma vez que para que o livro-objeto exista enquanto meio, ele demanda o manuseio por parte do leitor- usuário.

O livro-objeto, como um dispositivo vinculado ao universo da arte, tem em sua essência as características de obras artísticas, e, como tal, contempla a necessidade de um espectador para completar o sentido de sua existência. A respeito da interação entre público e objeto, para o livro-

objeto, a contemplação passiva, assim como para muitas das obras de arte de a partir da segunda metade do século XX, não produz eco e não fecha com o objetivo de artefatos desse tipo, que requerem uma participação ativa por meio do espectador. Esse espectador faz parte da cadeia de sentido formada por criador, obra e público.

O contato direto entre leitor/usuário e livro-objeto estimula a percepção desse espectador ativo para sua própria sensorialidade. Por meio da narrativa plástica do livro-objeto, são utilizados elementos que, dotados dessa materialidade e capazes de aguçar os sentidos e de promover a sinestesia, fazem com que eles se mesclem e sintamos a textura do papel com o olhar, por exemplo. Segundo Kawasaki (2008), é possível entender sinestesia como:

> "(...) a relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente. Ou ainda como sensação, em uma parte do corpo, produzida pelo estímulo em outra parte. A palavra sinestesia é de origem grega: "syn"(simultâneas) e "aesthesis"(sensação), podendo ser interpretada como "sensações simultâneas". (KAWASAKI, 2008, pág.41)

Uma versão de livro de culinária que usa a sinestesia como principal elemento é o The Real Cookbook, uma criação da empresa de design alemã Korefe em parceria com a editora Gerstenberg Publishing House, especializada em gastronomia. O The Real Cookbook tem as suas receitas estampadas em páginas feitas de massa de lasanha fresca. Após seguir as instruções, basta tirá-lo do forno e servi-lo normalmente.

Tais características do livro-objeto (materialidade, interatividade e sinestesia), quando conectadas, podem proporcionar uma experiência para o leitor/usuário que, pelo contato e interação com a dimensão material do suporte e com o seu conteúdo, criar vínculos de memória e até emocionais com o conhecimento ali representado. Essas características geram

Img 69 • **Fonte: http://korefe.de/en/2012/1960/das-erste-und-einzige-kochbuch**
Korefe The Real Cook Book (2012).

sensações que só a dimensão física de um objeto é capaz de causar por meio de sua presença, de suas características e do que elas nos remetem, por meio de uma materialidade óbvia desse objeto, por meio de uma experiência sinestésica e, porque não, estética.

A partir dessas características, que destacamos acerca do livro-objeto enunciadas ao longo do capítulo, vemos que ele não apresenta um formato fixo e que as formas e os materiais que o constituem são necessariamente ligados ao discursos que ele repassa.

Trago a seguir, mais três exemplos de livro-objeto que foram escolhidos com o intuito, não de definir o que é um livro de artista, mas de mostrar o que ele pode ser.

LIVRO FLUX YEAR BOX 2

Fluxus foi um coletivo de artistas de âmbito internacional formado por poetas, compositores e designers na década de sessenta com o pretexto de, segundo um de seus integrantes, o artista George Maciunas, "fundir os quadros de revolucionários culturais, sociais e políticas em [uma] frente e ação unida."[3] (MACIUNAS, 1963, p. 1). Este foi um movimento ativo nos anos 60 e 70 que foram Inspirados pela ideia de experimentar novos suportes

[3] MACIUAS, George. "FUSE the cadres of cultural, social & political revolutionaries into [a] united front & action." 1963, p. 1.

para expressão e trouxeram a ideia contrária ao objeto tradicional como mercadoria.

O coletivo Fluxus foi um dos precursores mais importantes do livro de artista, visto que com a aspiração de difundir e expandir a arte o grupo promoveu concertos e festivais, e criou uma editora na qual publicavam os conhecidos Fluxus Year Box. Esta caixa contém os trabalhos de vários artistas que fizeram parte do movimento, tais como Ay - O, George Bretch, Alison Knowles, Yoko Ono, George Maciunas, Robert Watts, entre outros. A intenção do grupo, conforme Panek (2005, p. 1) era romper com as barreiras dos museus e galerias para revelar a sua arte. As obras do Fluxus são sempre consideradas livros de artista, não pela sua forma, mas pela sua intenção.

Várias das primeiras edições Fluxus, como WaterYam (1963), de George Brecht, constavam de textos e partituras impressos em cartões individuais, colocados em caixas, ao invés de encadernados em formato de publicações mais tradicionais. Pode-se observar que o conteúdo contido dentro da caixa é variado, há brincadeiras, decoração, livros para escrever junto com o autor, formulários para preencher, tarefas para se realizar, experimentos para realizar, comida, elementos que poderiam ser usados de acordo com o espectador e a sua interação com o objeto específico, permitindo se relacionar com a caixa do jeito que quisesse propiciando uma abordagem lúdica das relações que se estabelecem. Sobre essas atividade, Stewart Home declara:

> "(...) produziram aproximadamente vinte múltiplos fluxos, só em 1964. Os múltiplos eram objetos achados comprados em lojas de tranqueiras, que existiam no Canal Street naquele tempo. Colocados em caixas de tamanhos diferentes, tinham em comum apenas as etiquetas que Maciunas havia criado antes e imprimido em certa quantidade. Também em 1964, foi publicado o primeiro Fluxus Yearbox: eram aproximadamente vinte envelopes grudados cada um deles contendo um trabalho de um artista fluxus diferente. Embora

> fosse ostensivamente um múltiplo, o conteúdo de cada cópia era ligeiramente diferente da outra."4

DIÁRIO DE FRIDA KAHLO

Para além de pensar o livro de artista como um objeto que invade o espaço, também é possível retornar e refletir sobre o livro como um diário, em formato tradicional, que ainda imprime o gesto de folhear.

A artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954) produziu inúmeras pinturas e desenhos ao longo de sua vida. Sua história permeada pelas dores físicas em decorrência de um acidente e suas dores de amores pelo também artista mexicano Diego Rivera são largamente conhecidas na História da Arte. Suas paixões, dores e alegrias foram incluídas em seu diário, escrito entre os anos 1944 e 1954, quando faleceu. Publicado no Brasil sob o título O diário de Frida Kahlo – um autorretrato íntimo, a artista documenta sua biografia pessoal e política, faz anotações poéticas de pinturas, desenhos e poemas. Seu diário é um caderno de pensamentos, uma montagem de ideias e reflexões. Construído de maneira fragmentária dia após dia, os assuntos se relacionam e o diário se torna uma constelação de arquivos, documentação de seus pensamentos.

De maneira poética a artista conta sua história, seus dias, dificuldades, enganos, desilusões. Quando sai chorando, quando percebe que está diante de um engano, sua relação íntima com a tinta, os materiais. Frida Kahlo escreve arquivos de pensamentos, memórias pessoais, de amor, de morte. Se mostra e se revela, mas também cria histórias e as ilustra. Kahlo, em seu diário, faz um retrato íntimo de si mesma, de seus desejos e se mostra com sua força poética para a escrita e o desenho, mesmo na fragilidade de sua doença. Seu diário traz seu relato pessoal de maneira poética, que pode ser lido como um livro-objeto.

---

4 HOME, 2004, p.90

Img 70 • **Fonte: Kahlo (2012)**
Pág. do diário de frida Kahlo

Pode se pensar no diário de Frida Kahlo também como um livro-objeto, pois em suas páginas, além de inserir seus relatos pessoais, estão contidos poemas e desenhos da artista. O livro de artista nada mais é do que a produção de um artista, de seus processos criativos tornado livro, ou mesmo quando esses processos, essas palavras ganham o espaço expositivo. Desta forma, observo que as anotações de Kahlo se assemelha bastante com o diário de Nice, assim como sua fortaleza como mulher e artista, nascida no início do século passado. Por tais razões, trago este exemplo de livro de artista, já considerado tão influente para o futuro desta pesquisa.

ENCICLOPÉDIA DO BORDADO

Publicado originalmente na Inglaterra em 2009, o livro Enciclopédia do Bordado oferece abrangente matéria sobre o tema, apresentando uma coletânea de pontos, motivos e técnicas como stumpwork, hardanger, fio puxado, blackwork, entre outras. Com diagramas de fácil leitura, instruções

passo a passo e fotografias dos mais populares pontos e técnicas, este guia oferece 30 projetos para praticar os pontos e técnicas apresentados.

Tenho esta enciclopédia como um excelente exemplo de apropriação para meu futuro projeto gráfico, pois esta tenta criar sistemas de classificação e ordenação do conhecimento, além de transmitir informação ou conhecimento através de imagens.

O estudo da catalogação em livro-objeto é apresentado, muitas vezes, sob a forma de uma enciclopédia-livro ou enciclopédia-obra. São abordadas a produção e a transmissão de conhecimento através de figuras visuais, assim como sua representação gráfica. Em um arquivo pessoal ou mesmo uma coleção de imagens pode ter procedências diversas e sua "recepção tem o ritmo da apreciação individual" (Freire, 1999, p. 172). As relações entre livro de artista e enciclopédia podem ser pensadas em termos de uma teoria do conhecimento, segundo a qual os livros são usados para demonstrar um argumento, expor uma teoria, um sistema de ideias. Trata-se de descrever discursos, ou demonstrar como os artistas se apropriam de um discurso científico para produzir uma obra. As ilustrações do catálogo servem de paradigma para a elaboração de guias e manuais de instrução, destinados ao estudo autodidata.

Todos estes exemplos mostram um pouco da identidade que os livros-objetos trouxeram ao mundo dos livros. A história destes escreve-se todos os dias, bastando para isso, fazê-los. Portanto, minha pretensão final com toda essa pesquisa, é me apropriar das redes pertencentes à vida e obra bordada de Nice Firmeza para criar uma segunda obra visual. Quero produz um outro objeto a partir do objeto livro. Quem sabe, criar telas e nelas inserir partes de seu diário original, usar de sua própria linguagem como parte da obra, fazer essa junção entre literatura e artes visuais. De uma maneira em que a palavra e a imagem se metamorfoseiam na obra da artista, que encontra no bordado seu motivo, sua motivação para seu engrandecimento pessoal como mulher no mundo. Produzir, assim, um

tipo de livro de artista que não se encontra mais no formato códex, mas que invade o espaço com suas telas coloridas e ilustradas.

Dessa maneira, para pensar a apresentação e disseminação do conteúdo de natureza visual e dos saberes de artistas visuais, especialmente da nossa arte popular que, muitas vezes, se perde sem registros, pretendemos, com esse projeto de monografia, pensar como abordar as redes híbridas de Nice no projeto gráfico de um livro-objeto ilustrado e interativo.

Trata-se de uma forma de nos atentar para o fato de que o design gráfico cumpre a função de facilitador do repasse de informações e sensações. Nele se abrem possibilidades para se pensar a imagem, a materialidade, os diferentes sentidos acionados no contato com o livro - da interatividade em si por meio da narrativa plástica proposta pelo livro-objeto. Assim, usamos do poder do design gráfico para tornar um conteúdo mais acessível ao leitor ao mesmo tempo que proporcionamos ao leitor/usuário uma experiência sinestésica por meio do livro-objeto.

Img 71 • **Fonte: Enciclopédia do Bordado (2009)**

METODOLOGIA

METODOLOGIA

A escolha da metodologia decorre da visão de mundo, de ciência e de design que desenvolvi ao longo do curso e também, das reflexões observadas e compreendidas a partir do referencial teórico, no estudo da vida pessoal e artística de Nice Firmeza. Os percursos metodológicos objetivam explorar tais informações fundamentadas no trabalho da artista, delimitando o tema no bordado. São formuladas hipóteses de uma perspectiva baseada nos valores do feminino e interpretada a partir de sua vida e obra, além de agregar uma abordagem curiosa em razão da catalogação dos pontos utilizados no bordado de Nice.

Para a consecução dos objetivos previstos, foram realizados procedimentos em campo e documentais, utilizando-se do registro das observação de maneira direta, intensiva e assistemática para, assim, se fazer uma análise posterior desses dados. Os dados foram coletados em documentos oficiais e não-oficiais (livros, dissertações, artigos, entrevistas e sites), além de dados coletados por meio de pesquisas de campo (casa

onde a artista residia - museu -, local de trabalho, casa da filha) e entrevista com parentes e pessoas próximas de Nice.

Se pensarmos nos procedimentos de pesquisa voltados para a coleta, organização e análise dos dados - como etapas do desenvolvimento da pesquisa - ficam evidentes os desafios de lidar com uma variedade e pluralidade de informações: como descrevê-las, como eleger os critérios para analisá-las e compreendê-las, como realizar uma ação efetiva de pesquisa, dentre outras complexidades. De que modo um pensamento pode estar descrito pelo viés das imagens?

Bonsiepe (2010), preocupado em investigar sobre as formas de produção e disseminação do conhecimento no contemporâneo, reivindica o design como dispositivo indispensável nos processos da vida cotidiana, do aprendizado e do conhecimento. Para o autor, os processos de comunicar e compartilhar conhecimento estariam vinculados ao modo de apresentação deste conhecimento, e por isso justificaria que sem a intervenção do design a comunicação deste conteúdo não funcionaria; sobretudo se reconhecemos as especificidades comunicativas das interfaces visuais-gráficas.

Buscando fundamentar esta pesquisa de abordagem qualitativa em uma metodologia adequada, utilizo como referência a ideia de adensamento de rede descrita por Latour, além de fazer uma adaptação do discurso de Schneider, sobre a noção de pesquisa através do Design. Parto de um pressuposto de que eu não preciso fazer um levantamento bibliográfico para falar de Nice, já que para mim, a vejo, não como uma pessoa física, mas a compreendo com os seus modos de associações, suas conexões.

Para compreender a complexidade na contemporaneidade, Bruno Latour, filósofo presente em grande parte da estruturação desta pesquisa, estabelece o design como um campo de interesse filosófico operando dentro dos confins do dia-a-dia. Latour propõe uma forma possível de pensar o tempo e as relações entre natureza e cultura; a facilidade de ser

híbrido no mundo contemporâneo. Ele afirma que a sociedade moderna fabricou os híbridos, que por sua vez fabricam coletivos, agenciamentos, laço social. Desta forma, os coletivos são compostos por este encontro de ciência e política, produzem assim um corpo social, que se redefine a cada nova formação híbrida. Por este viés, Latour forja o coletivo em rede e devolve a este toda riqueza de embates, resistências, aproximações, movimentos e fluidos.

> Os saberes e poderes modernos não são diferentes porque escapam à tirania do social, mas porque acrescentam mais híbridos a fim de recompor o laço social e de aumentar ainda mais sua escala. [...] A cada vez, uma nova tradução de quase objetos reinicia a redefinição do corpo social, tanto dos sujeitos quanto dos objetos. [...] Trata-se de construir os próprios coletivos em escalas cada vez maiores. É verdade que há diferenças de tamanho. Não há diferenças de natureza – e menos ainda de cultura. (LATOUR, 1994, p. 106-107)

Latour pensa a produção social cultural como associações entre objetos e humanos. Ele pensa no conceito de modos de existência e os diferentes modos de expansão das redes. A rede necessariamente tem um fluido particular que circula por ela, por isso elas são tão importantes, por serem mais difíceis de destruir. É justamente essa definição de Teoria-Ator Rede que trago aqui, amparada principalmente pelos escritos de Bruno Latour, na qual apresenta as características dos sistemas complexos, através da produção de diagramas, e tal ferramenta posteriormente vem auxiliar o planejamento estratégico-situacional no desenvolvimento projetual desta pesquisa.

Ao estudar Nice e apresentar os saberes que ela produziu, as redes que ela construiu, estou utilizando as estratégias do design. Sendo assim, o meu trabalho se trata de uma pesquisa fundamentada em design, isto é, desenvolvida através do design, também podendo ser chamada de

"pesquisa de ação". Beat Schneider, em seu compêndio "Design - Uma introdução", fala dessa relação entre design e pesquisa.

> Desenvolvimento através do design, em particular, designa o desenvolvimento planejado, criativo e sistemático de visualizações, por um lado, de processos de interação e de mensagens de diferentes atores sociais, e, de outro, de diversas funções de objetos de uso e sua adequação às necessidades dos outros usuários ou aos efeitos sobre os usuários. O resultado do desenvolvimento através do design são produtos materiais e imateriais. (SCHNEIDER, 2010)

Segundo Schneider, a pesquisa por meio do design, trata a cultura, o saber manual, da perspectiva da projetabilidade, e com isso, obtém novos conhecimentos de caráter fundamental. "Inclui-se aqui o conhecimento visual, quando o processo de desenvolvimento e seus resultados, bem como as novas descobertas, são formuladas ou visualizadas de forma verificável, se tornando acessíveis a um público geral". (SCHNEIDER, op. cit., p. 274)

Sendo assim, esse estudo estudo tem como objeto Nice Firmeza. A enxergo como um objeto de pesquisa na qual minha estratégia de análise parte do design, sobretudo o gráfico, a visualidade, o design de informação, a hibridação do conteúdo. Um dos saberes do design descrito por Latour diz que nós nunca conseguiremos descrever algo ou alguém escrevendo um texto, mas sim graficamente por meio de diagramas. Este saber, está plasmado nas coisas e não só nas palavras. Latour também acredita num olhar do antropológico, ao se aproximar do objeto em questão para dar visibilidade e melhor o explicar. Também para Flusser (2007), design e comunicação são desdobramentos interdependentes de um mesmo fenômeno: o processo de “codificação da experiência”. Ao codificar a experiência, o homem está mediando para dar sentido ao mundo. A imagem seria a “forma mágica da existência”: ela ordena as coisas de modo que possamos atribuir um sentido a elas através dos símbolos.

Por tais razões descritas acima, analiso o material que tive acesso e as vivências com Nice, pelo viés da metodologia da Crítica Genética , isto é, as descobertas feitas saem de dentro dos próprios processos e são alimentadas pelos documentos deixados pela artista. Trata-se de uma discussão das obras como objetos móveis e inacabados. No livro "Redes da Criação: construção da obra de arte", de Cecília Almeida Salles, ela afirma que a rede ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas e à medida que os artistas se relacionam com seu entorno.

Portanto, a proposta central do livro, parte da necessidade de pensar a criação como rede de conexão, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantém. É através da análise desse material que parto dos conceitos oferecidos por Salles para dar visibilidade a algumas redes poéticas, sociais, culturais que constituem a vida de Nice. Aos poucos me aproximo do sujeito em seu espaço e tempo e das questões relativas à memória, percepção e recursos de criação.

Sendo clara e objetiva, o que almejo com esse trabalho, é mostrar afeto por Nice Firmeza, por meio de experiências pessoais. Para isso, acesso as redes artísticas que constituem a personalidade de Nice. Então me questiono: Por que Nice está viva através do design? Como resposta, é bem nítido para mim que a criação de Nice não era criar coisa, mas sim criar redes.

O que me proponho nessa monografia é criar um artefato, um projeto gráfico, que materialize a rede de conhecimento e afetos de Nice e o torne acessível para ao leitor. Sendo assim, a inovação que trago com a pesquisa, se baseia no resgate dessas redes. Dou visibilidade a artista Nice, como mediadora de afetos, utilizando o livro como uma forma de estratégia para chegar nas suas várias conexões, reveladas a partir das pesquisas através do design. Por isso, o design é uma metodologia. Desse modo, comprovo aqui que o design pode ser a própria metodologia dele. Quando faço projeto, já estou fazendo pesquisa e isso já é o próprio desenvolvimento. A minha matéria é cultura, que também faz parte da minha rede.

REGISTRO DE CAMPO

Img 72 • **Fonte: http://minimuseufirmeza.org/**

REGISTRO DE CAMPO

Nos propomos a estabelecer relações e redes entre a história de vida, os modos de fazer, as técnicas de composição e os elementos de comunicação visual utilizados nas criações de Nice para encontrar um norte principal em sua produção artística. O trabalho de Nice Firmeza não é linear, assim como a construção de um processo criativo. É feito de uma junção retalhos de reflexões, cores e elementos de várias estéticas que permeiam os lugares por onde circulava; jardins, mundo infantil, Aracati.

Para entender melhor o seu trabalho e vida, conforme explanamos na metodologia de pesquisa, temos os procedimentos que utilizamos, registrados em forma de diário de campo, para observar as características mais fortes presentes em seu trabalho e identificar a forma que ela se utiliza dos elementos da comunicação visual, ainda que de forma intuitiva, para fazer a sua arte.

1.RESGATE DA MINHA HISTÓRIA COM NICE:

Nesse primeiro momento, busquei contato com várias pessoas que fizeram parte desse meu passado e que poderiam me acrescentar e relembrar momentos importantes. Listo aqui alguns desses personagens:

- Tia Marta Girão, minha madrinha, que foi aluna de bordado da Nice tanto no Sítio quanto nas Traças, que hoje é chamado Espaço Grão.
- Tia Neila, mãe da aluna de pintura Raíssa que foi minha colega no curso.
- Professora Paulinha do Conservatório de Música Alberto Neponunceno, que me relembrou histórias.
- Tia Lurdinha, filha de Nice, e também minha professora na época do Conservatório.

2.PESQUISA BIBLIOGRÁFICA ACERCA DA VIDA E PRODUÇÃO ARTESANAL DE NICE FIRMEZA;

Além do estudo com registro em livros, documentos, recortes de jornais e entrevistas, outros personagens, apreciadores do trabalho de Nice, foram aparecendo ao longo das pesquisas de campo. Alguns desses são:

- Gislene, filha de Zenaide, que também trabalha ministrando cursos de bordado em Fortaleza como forma terapêutica.
- Iara, é professora no ateliê Ebenezer, já expôs trabalhos de suas alunas inspiradas nas obras de Nice.
- Marta Girão me apresentou algumas alunas bordadeiras da época, como Zenaide, que é professora de bordado do grupo Bordando a Vida no Instituto Roda da Vida. Cheguei a ir ao local e presenciar a aula de bordado.

3.PESQUISA DOCUMENTAL QUE RESULTOU NUMA PESQUISA IN LOCO COM VISITAS DE CAMPO;

Nessa fase, fui em busca de pessoas responsáveis pelo acervo de Nice e Estrigas. Registrei visitas ao Mini Museu, onde residia o casal. Cheguei a visitar, algumas vezes, a filha de Nice, Lurdinha, que além de me revelar histórias íntimas da artista, me apresentou documentos, fotos, cartas escritas à mão pela própria Nice e muitos de seus bordados que estão guardados com ela. Fui, também, a um dos seus locais de trabalho, onde tive o prazer de ser sua aluna, e onde essa história deu início, o Conservatório de Música Alberto Neponunceno, afim de recolher mais relatos com seus amigos de ofício, acerca do seu trabalho e sua visão de mundo. Listo aqui algumas das pessoas importantes para esse processo:

- Rachel Gadelha é sobrinha de Estrigas e hoje a grande responsável por cuidar do acervo do Mini Museu NiceEstrigas. Por coincidência do destino, já tinha contato com seu sobrinho, Rodrigo Gadelha, que é a pessoa que tem ajudado a manter o site do museu no ar, juntamente com minha colega de curso Gabriela Delgado.
- Paula, é a guardiã do Mini Museu. Ela trabalha como secretária e historiadora, desde os últimos anos de vida de Nice. Ela é a pessoa que está lá diariamente, organizando o local, fazendo com que a história daquele local continue viva e buscando editais do Governo que o Mini Museu se enquadre.

DIÁRIO DE BORDO

Img 73 • **Fonte: Arquivo Pessoal**
Infográfico Estrutural

1. NA VARANDA COM TIA LURDINHA

Liguei, esperei pra ligar no outro dia. Nada de atender. Fiquei preocupada. Esperei e nada. Talvez o número que tivesse havia mudado. Também depois de tanto tempo, no mínimo, mais de 15 anos que havia aquele número na agenda da mamãe.

Fui então procurar uma antiga colega de pintura da época do conservatório no facebook. A Raíssa era a queridinha da tia Nice. Lembro que saímos do conservatório, mais ou menos na mesma época, e mesmo longe, ela continuou tendo aula toda semana no sítio da tia Nice. Encontrei Raíssa e pedi a solicitação de amizade. Fiquei na dúvida se ela iria me reconhecer. Fucei várias fotos. Algumas das fotos eram de desenhos antigos dela. Mas ela estava diferente. Me parece que virou esportista de luta e não mora mais no Brasil. Deixei mensagem enquanto ia tentando contato com outras pessoas do meu passado para conseguir o número da tia Lurdinha. Alguns dias depois, recebo uma mensagem no facebook. “Paulinha, quanto tempo! Estou morando no EUA, mas liga pra mamãe que ela de vez enquanto ainda vai lá na tia Lurdinha.”

"Oi tia Neila, aqui é a Paulinha, filha da Virgínia, amiga da Raíssa, irmã do Gabriel... do conservatório". Falei toda a minha procedência, aflita se ela iria me reconhecer. "Minha filha, que saudade! Como estão as coisas? Nunca mais tive notícias da sua mãe. A Nice ficaria tão feliz com o seu trabalho. Teria o maior orgulho da aluna. Eu tenho sim o telefone da Lurdinha. Ligue pra ela".

O telefone não demorou 5 segundos pra tia Lurdinha atender. "Minha filha, venha. Venha com sua mãe. Qualquer dia, qualquer hora, só dê uma ligadinha antes. Já vou avisando que você vai se perder até chegar aqui, mas vá pelo caminho que te expliquei, que uma hora vai se encontrar".

Que saga pra chegar na casa da tia Lurdinha em Mondubim. Fui num sábado, após o almoço. Chegamos lá quase fim de tarde. Eu devia ter seguido as instruções da tia Lurdinha e não as do Google. "Minha filha, venha aqui me dar um abraço. Mesma cara de criança. O que você está precisando mesmo em? Não entendi nada no telefone".

Eita, que nesse dia foi papo que não se acabava mais. Tia Lurdinha me contou tanta história. História da época em que trabalhava com a tia Nice no conservatório. Falou do carinho que tinha pelo Estrigas. "Eu queria tão bem a ele, como se fosse um pai que eu nunca tive". Falou que o terreno que ela morava foi ele

quem deu e tinha certeza que ele não ficou mais tempo vivo, porque tinha saudade da Nice. “Eu nunca consegui chamar Nice de mamãe, porque disseram que ela era minha irmã a vida toda, e só fui descobrir que na verdade ela era minha mãe biológica, na adolescência. Fui criada pela minha avó, fingindo ser minha mãe. Aquilo me revoltou durante muito tempo. Fui procurar meu pai biológico, que era primo da Nice, lá em São Paulo. Sabe o que ele fez? Me ignorou. Me deixava lá, sofrendo naquela cidade grande, como se não fosse ninguém. Eu sofri muito nessa época. Foi aí que eu entendi e perdoei Nice. Mas sabe uma coisa que ainda bate no meu peito? A Nice faleceu, e eu não tenho nenhum registro, nenhum documento que comprove pra justiça que eu sou filha dela. A única coisa que eu tenho, é esse papel que encontrei um dia desses”. Lurdinha foi lá dentro e pegou uma pasta, onde guardava todos os seus documentos mais importantes, sua certidão de casamento, de faculdade, passaporte, identidade e tirou um papelzinho pequeno antigo, rasgado e todo remendado, escrito com a letra da tia Nice, dizendo: “Ter uma filha e ser obrigada a negar, porque minha família, sem me consultar, registrou a menina como sendo minha irmã. Meu Deus, ajudai-me. Amarga lembrança”. “Não vá agora não. Pois então venha só comer um bolinho com café aqui na cozinha”. Disse Lurdinha, ficamos mais algumas horas lá.

Img 74 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

2. DE VOLTA AO CONSERVATÓRIO

Quantos anos que não pisava lá. Tanto da minha história e de quem eu sou estão lá naquelas salas. Na minha memória, aquilo era gigante. Acho que já tive aula em todas aquelas salas. Sem contar nos aniversários que comemorávamos lá com os amigos e professores. Entrar no conservatório foi, sem dúvidas, uma mistura de emoções. Se minha alma é artística e escolhi para a minha vida trabalhar com as diversas artes que existem em mim, devo isso ao conservatório de música.

Fui ao conservatório num dia aleatório e simplesmente sem combinar com ninguém. Assim que entro, encontro meu professor de flauta, dou aquele abraço cheio de saudade. A partir dos 3 anos até os meu 10 anos de idade, toda quarta-feira estava lá. Passava o dia. Fazia aula de pintura com tia Nice, musicalização infantil, flauta doce e mais tarde transversal, aula de canto com a professora Marta e aula de coral, às vezes com o Maestro Poty. Esbarrava com meus irmãos nos corredores, entre uma aula e outra. O senhor da cantina, já sabia qual o lanche eu pedia toda quarta, e no final do dia meus pais chegavam para nos pegar. Muitas vezes fechávamos o conservatório, porque minha mãe adorava ficar conversando com as professoras, é tanto que até hoje são amigas.

A ida ao conservatório me fez relembrar vários momentos de recitais, musicais e exposições. Pintura com a tia Nice era permitido só a partir dos 5 anos de idade, porém como meus irmãos mais velhos já faziam e não tinha com quem me deixar, então eles abriram uma exceção para mim. Dei início as aulas com a tia Nice aos meus 3 aninhos. Ao pisar naquele lugar, várias memórias me vieram na cabeça.

A sala de pintura era a última do corredor. Tia Nice cuidava da pasta de todas as crianças. Elas ficavam dentro do armário, e só tínhamos acesso à ela durante a aula, que era pra garantir que ninguém ia esquecer de trazer

na outra semana. A aula de pintura era a primeira, logo após o almoço. Tia Nice era muito simpática e toda aula vinha com uma história nova. Era baseado nesses contos que criávamos a nossa cena e pintávamos o que queríamos. Era tudo bem livre. Tia Lurdinha sempre estava lá como auxiliar. As duas ficavam lá passando de mesa em mesa, conversando e ajudando cada aluno. Ao final da aula, Tia Nice escrevia o nome e a data na pintura dos alunos mais novos que ainda não sabiam escrever. Ao sair da sala lembro que sempre havia mulheres esperando na porta.

Achava estranho, porque normalmente não eram mães que vinham buscar os filhos, eram mulheres que ficam esperando tia Nice terminar a aula pra conversar e tomar um cafezinho com ela. Essa cena sempre ficou marcada na minha memória, porque nas outras aulas isso não acontecia. Depois de ter saído do conservatório, já mais velha, um dia perguntei pra minha mãe a razão daquilo. Ela me informou que muitas daquelas mulheres iam para ver qual blusa bordada Nice escolheu usar naquele dia, ou para mostrar algum bordado que estavam tecendo e pedir um conselho sobre as cores, ou tentar convencê-la de dar algum de seus croquis para bordar (por mais que soubessem que isso era raro de acontecer), ou simplesmente, como a minha mãe, para pedir conselhos sobre a vida.

Algumas vezes ao ano, tia Nice reunia as melhores pinturas de cada aluno e íamos expor em algum lugar e ela fazia questão que cada aluno ficasse ao lado do seu quadro para explicar quando alguém passasse. Lembro de várias exposições no Ibeu e nossos quadros eram emoldurados. Até hoje os tenho.

A ida ao conservatório mexeu muito comigo, passei dias lembrando que as minhas escolhas de vida hoje, se devem aqueles momentos de aprendizado que lá tive. Aquela visita também me fez tomar mais gosto pelo projeto. Parece que Nice ficou mais viva em mim.

3. AS PROPAGADORAS DO BORDADO

Conheci muitas mulheres que foram alunas de Nice, quando realizamos o seminário "A linha, a trama e o tecer", na UFC. O nome de Nice foi bastante citado e desde então, percebi, que como uma boa mestra, Nice havia deixado inúmeras bordadeiras para propagar sua metodologia artística.

Minha madrinha mesmo, tia Marta Girão, foi uma delas. Ela frequentava o sítio mini-museu aos sábados pela manhã, assim como outras mulheres. Ela me apresentou Zenaide, que também foi aluna de bordado de Nice em seu sítio, e hoje é professora de bordado do grupo Bordando a Vida no Instituto Roda da Vida. Tive a honra de presenciar um dos encontros das bordadeiras e elas me confessaram que Nice é uma das grandes inspirações para os projetos lá realizados. O que elas mais comentaram sobre o trabalho de Nice foram a respeito dos desenhos que são ricos em detalhes e sobre a variedade de cores. Comentaram que é muito difícil chegar num resultado harmônico com a quantidade de corem que Nice bordava. Conheci também Gislene, filha de Zenaide, que também trabalha ministrando cursos de bordado em Fortaleza como forma terapêutica.

Cheguei a ir, também, na casa de Zenaide. Me diverti com tantas histórias que ela e minha madrinha recordaram do tempo que eram alunas da Nice. Num instante, Zenaide pediu licença e retornou com uma sacola grande cheia de papeis antigos. Ela vinha com muito cuidado segurando algo que parecia ser bastante valioso. Chegou perto e disse: “Esses são os riscos que a gente fazia nas aulas da Nice. Ela pedia pra gente sempre levar um caderno de papel vegetal e um lápis para criar os desenhos que iríamos bordar durante aquele período. Ela tinha muito cuidado com os bordados dela, pois sabia que eram diferenciados, mas pra gente ela confiava. Confiava tanto que nos deixava copiar alguns de seus riscos enquanto

ensinava alguns pontos que ela mesma desenvolveu. Muitas mulheres chegam pra mim querendo bordar os riscos de Nice. Mas o que eu noto é que mesmo tendo copiado o desenho de Nice, elas não conseguem bordar pra ficar bonito daquele jeito, sabe por quê? Porque só quem consegue fazer os pontos que Nice inventou são as próprias alunas dela, que ela mesma ensinou". Zenaide foi nos apresentando desenho por desenho. Cada risco alí, tinha uma história. Passamos a tarde toda de sábado alí, só conversando sobre Nice. Quanta história.

Iara, é professora no ateliê Ebenezer, faz parte do grupo Entrelaçadas, e consultora de bordado do Sebrae. Ela foi uma das pessoas que também tive o prazer de conhecer ao longo desse processo. Iara, já chegou a expor bordados de suas alunas com releitura nas obras de Nice e afirmou ser esse um dos seus grandes sonhos, de ver o nome da Nice propagado para além do estado. Em conversa, afirmou também, se preocupar com o esquecimento do casal por parte da população, se medidas menos burocráticas para a exposição das obras do casal não forem simplificadas.

O contato com essas mulheres ao longo do processo, e a troca de conhecimento gerado, me fez refletir sobre o meu importante papel como mediadora para a propagação do nome de Nice Firmeza na arte cearense. Pude, também, enxergar que existem muitas pessoas nessa luta. E me fez questionar se o nome do casal Estrigas um dia será esquecido ou irá se perpetuar por muitas anos?

4. O MUSEU EM REFORMA:

Cheguei no museu meio atordoada se havia chegado realmente no lugar certo, e se era aquela a memória que tinha quando fui criança visitar tia Nice. O acesso ao local estava bastante complicado, cheio de lama e buracos. Com o reposicionamento do transporte na região e chegada do VLT, o acesso ao sítio que fica localizado no Modubim, ficou bastante complicado e um tanto quanto isolado.

Logo na frente da entrada do museu, no muro que separa o VLT, tem grafites desenhados com caricaturas do casal. O museu estava em reforma, completamente caótico. Paula, a historiadora que cuida do mini-museu desde alguns anos antes do falecimento de Nice, me recebeu muito bem, enquanto cuidava de alimentar alguns homens que trabalhavam na reforma. Ela me apresentou o local. Tinha algumas imagens soltas e perdidas na minha memória, mas que era difícil de visualizar, já que todas as obras haviam sido retiradas ou estavam cobertas com longos panos para preservar durante a reforma do local.

Em conversas com Paula, ela se mostrou bastante solicita para a contribuição do trabalho. Até me convidou para participar de um encontro que haveria no sábado seguinte com alguns artistas. Paula me contou sobre a situação do museu, se queixando da falta de apoio da prefeitura e, portanto, da falta de recursos financeiros para a manutenção do local. Disse que eles faziam o possível para a preservação do museu e que este, mesmo na reforma, continuava com atividades sociais para as crianças das comunidades do entorno. Num tom tristonha, sem saber ao certo o futuro do local, afirmou que tudo ficou mais complicado e as atividades diminuíram com o acesso dificultoso ao local e com a morte de Nice e posteriormente de Estrigas.

Ela também me contou algumas histórias. Disse que o museu era bastante movimentado quando o casal era vivo e tinham atividades praticamente diariamente. Nice fazia questão de sempre servir algum doce para receber as visitas e se preocupava em cozinhar um doce especial para Estrigas, que era diabético. Paula também contou, achando graça, que Nice relutou contra a sua chegada para auxiliar o casal no mini museu. Tinha ciúmes e não a deixava, por exemplo, ajudar no doce de Estrigas, pois dizia que só quem podia botar as mãos era ela, mas que com o passar do tempo foi conquistando sua confiança e amizade.

5. NA CASA DA RACHEL:

Por coincidência do destino, tenho vários amigos em comum com Rachel que é sobrinha de Estrigas e hoje é quem tem a posse de seu acervo. Consegui o contato dela facilmente, através da Gabriela Delgado, minha colega de curso, que foi quem atualizou e fez o design do novo site do Mini-museu Nice & Estrigas.

Rachel, me recebeu de portas abertas em sua casa. Me mostrou todos os cômodos que apresentam obras de arte do casal. Inclusive, ela é a Própria Rachel do livro “Um livro para Rachel - De bordar e de viver” de Efímia Meimaridou, que cito aqui nesse trabalho como uma das minhas referências bibliográficas. Fazia algum tempo que procurava esse livro, por apresentar a catalogação de pontos do bordado, porém não obtive resultado. Fiquei super agradecida, pois Rachel me emprestou e confiou o original, dedicado à ela.

Voltei a ter contato com Rachel, algumas outras vezes, para a deixar à par do meu projeto. Sinto que temos uma grande conexão que nos une por meio das artes.

6. DE VOLTA NA TIA LURDINHA:

Volto à casa da tia Lurdinha, agora sem me perder no caminho. Vou dessa vez com mais um propósito, o de registrar esses momentos, essas conversas e quem sabe a convencer de ir assistir a apresentação da minha monografia. Estou levando comigo, meu querido amigo e colega de curso, Josias Ferreira, para registrar tais memórias exercendo seu ofício, também, de fotógrafo.

Saio de lá com mais material do que jamais imaginei. Primeiro, Lurdinha me convida a olhar todas as blusas que Nice bordava para ela. Ela guarda todas com o maior cuidado e diz “Não é pra todo mundo que eu mostro e deixo fotografar”. Alguns panos estão se deteriorando em razão do tempo, mas os bordado permanecem intactos. Josias fotografa

Img 75 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

tudo, frente, costas, focado, vestido, a assinatura. Ele se tornou mais um convertido ao encantamento do trabalho de Nice. de Me sinto privilegiada de ter tais registros. Tia Lurdinha mostra também roupas bordadas da própria Nice, como por exemplo, o blaser que ela usou ao receber a premiação do Sereia de Ouro.

Na sala de sua casa, estão expostos muitos quadros e fotos do casal. Tia Lurdinha me pergunta se gostaria de levar dois desses quadros com a foto de Nice para minha apresentação. É nesse momento que a convenço de levá-la para assistir minha monografia.

Ao final do encontro, tia Lurdinha me aparece com um livro na qual ela me dedica. O livro se chama "Nice pinta e borda... faz arte!", de Lúcia Lustosa, e olha que surpresa! Ao folhear o livro me deparo com um depoimento de Nice ao meu respeito e em seguida uma foto de seus alunos do Conservatório a qual eu me faço presente.

Não sei como agradecer tia Lurdinha por tanto carinho. Me despeço e vou pra casa, para escrever sobre esse momento. Deixo, assim, registrado meu diário de campo.

PROJETO GRÁFICO

Img 76 • Fonte: http://minimuseufirmeza.org/

PROJETO GRÁFICO

No processo de criação do projeto gráfico desse livro-objeto, levamos em conta o estudo, a apropriação e a releitura de referências da sintaxe visual da artista Nice Firmeza. No caso, tentamos identificar as visualidades mais marcantes baseadas nos saberes da artista, a qual utilizamos como suporte teórico para a criação e desenvolvimento do projeto gráfico e na sua aplicação em um suporte físico, o livro-objeto.

A partir da minha imersão na vida pessoal de Nice, o livro tem como objetivo, também, de despertar criações como questões de interesses de ordem social, subjetiva, que não partem de objetos claros. Sendo assim, fica claro que o livro-objeto aqui desenvolvido é uma obra que traz um coletânea do que despertou em mim a partir da convivência e pesquisa da Nice. Por isso, o projeto é um híbrido – Nice & Paulinha – cheio de afetos, sentimentos e impressões.

Img 77 • 77 • **Fonte: Arquivo**

São muitos os aspéctos que poderiam ser tratados ao analisarmos o trabalho de Nice Firmeza e temas teóricos que dão conta de toda a sua riqueza de assuntos a serem abordados, mas delimitar os vieses em que nos aprofundamos se faz mais do que necessário para a conclusão do projeto.

Pelo caráter híbrido do presente trabalho, tentamos fazer um paralelo entre algumas das características marcantes do trabalho de Nice, destaco aqui o bordado, pintura e o ser professora, além da vida pessoal da artista, suas histórias, seu lado feminino, seus doces e sua alma companheira. Por mais que suas obras não se atenha as regras de elaboração de um projeto de design, ela tem em si uma metodologia própria e uma repetição de aspectos morfológicos que caracterizam seu trabalho, o que permite uma comparação entre os métodos e que pode contribuir para a elaboração da sintaxe visual percebendo assim quais elementos visuais são constantes e/ou recorrentes na obra da artista.

Img 78 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

FORMATO

Quando falamos de formato nos referimos à escolha quanto à forma e ao tamanho do livro-objeto que está diretamente relacionado a um bom manuseio do livro. Pensamos para o livro-objeto um formato que remetesse as várias redes de afeto de Nice. Ao manusear o objeto, mais teias vão surgindo e compondo o cenário do mundo de Nice. Ao abrir todo o livro, o leitor consegue ver um panorama geral de todas essas personas que Nice foi - bordadeira, pintora, cozinheira, professora, mãe, esposa, amiga, - além de se deparar com o híbrido entre Nice e Paulinha, que foi a grande motivação desse trabalho.

A caixa que envolve o livro-objeto, é uma junção de vários bastidores tampados com uma foto sorridente de Nice, no preto e branco. Os raminhos de flor bordado, se destacam no filó pelo seu colorido, além de estarem posicionados nos seus cabelos, como a artista sempre usava. A caixa que guarda o livro-objeto, remete de cara ao bordado único de Nice e faz o leitor adentrar em seu mundo antes mesmo de manusear o produto. Ela também foi pensada para que este fizesse parte da composição do livro-objeto podendo armazenar suas memórias com Nice e assim fazer a sua própria rede de conexão com a artista. A caixa que é um suporte para o livro são os primeiros pontos de contato que o leitor tem com o livro. A partir disso, é possível provocarmos antecipadamente uma expectativa, como uma

Img 79 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

prévia do que vai acontecer. Ele serve de elemento introdutório ao livro, dando uma breve dica do que está por vir, contribuindo na construção de uma expectativa no início da experiência do leitor, funcionando como uma progressão no processo de imersão.

Entendemos que a escolha da forma de uma publicação é o primeiro passo para se definir os parâmetros do projeto, pois delimita o espaço de composição, influenciando no grid e nas demais escolha gráfico compositivas. Procuramos criar um livro em que a montagem gráfica convide o leitor-usuário a manusear o impresso com curiosidade. Para isso, fizemos um compilado de lembranças que juntos montam a história de Nice e seus afetos. São fotos, imagens de seus quadros e bordados, frases do seu diário, declarações e homenagens de amigos e familiares, poemas, premiações, livros escritos, histórico de exposições, e muito mais material escolhido a dedo para compor as redes de afeto de Nice.

Img 80 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Img 81 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Sendo assim, o formato do livro, antes de tudo, foi pensado de modo a se diferenciar nas prateleiras do formato padrão, sendo mais próximo do formato quadrado, pois este traria uma leitura em spread mais ampla e interessante no que diz respeito à disposição dos elementos gráficos, além de contribuir com a abertura de cada teia (página). Diante do exposto, quando confrontamos esses critérios com nosso projeto, optamos pela forma quadrada da página, pois quando o livro está fechado há um equilíbrio de suas proporções, ao mesmo tempo, quando está aberto sua forma dobrável propicia uma visão panorâmica por ser quadrado. Após a criação de todas as páginas, 13,5cmx13,5cm montamos o protótipo final de dimensões 6,5cm de altura por 13,5cm de largura.

Img 82 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Fizemos a experiência gráfica de produzir o livro para apreciação e finalização desse projeto acadêmico, esse formato não está adaptado para a produção em larga escala por ter um caráter artesanal, um alto custo pela quantidade produzida e por se destinar por hora para uma demonstração de nosso percurso metodológico. Apesar de ser uma possibilidade produzi-lo em escala industrial se feitas as devidas adaptações de projeto. Por tanto, esse livro-objeto não foi criado com intuito comercial. Ele é todo manual, e ao longo do processo , se tornou um tipo de álbum de lembranças. Adentro mais a fundo na história de Nice com as pesquisas, desbravo no campo com visitas aos seus entes queridos, e toco em seus afetos e no meu afeto por ela, por meio de colagens e recortes.

Img 83 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

DIAGRAMAÇÃO

Todo o projeto deve refletir a vida e obra de Nice Firmeza. Para isso, cada detalhe foi levado em consideração, desde a escolha de diferentes papéis e texturas, a combinação de fontes tipográficas, a criação de estampas e padronagens, a direção de arte para criação das ilustrações, a criação e diagramação dos textos e das imagens existentes.

Na construção da diagramação de um projeto gráfico é preciso saber como projetar a composição de forma harmônica. Para isso é necessário definir as proporções de modo a tornar os pesos dos elementos gráficos do layout confortáveis, sabendo balancear os espaços

“negativos” e “positivos” da peça. Por se tratar de um livro-objeto que trazem características do ScreapBook, e este é uma coleção de colagens, um álbum de recortes onde você pode guardar todo tipo de recordações, a diagramação de cada página foi feita de maneira bastante livre e intuitiva. Para backgrounds de algumas páginas, criamos algumas padronagens que mesclam cores, texturas, imagens e elementos gráficos inspirados nas memórias de Nice.

Ao abrir o livro-objeto, características da artista são reveladas e exploradas por meio de ilustrações, textos, imagens e outros elementos diversos. O livro, que é quase uma teia de colagens de memórias, é composto de 13 lâminas (páginas) de papel paraná unidas com papel craft, na qual tivemos que calcular cada dobradura de acordo com a soma das largura das colagens. Encontramos dinâmica à ser explorado já na capa do livro-objeto. A cada interatividade, utilizamos acabamentos e materiais diferentes que ajudam a repassar as redes de sensações de Nice com mais clareza.

Img 84 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

PROTÓTIPO

Ao longo de todo o processo de construção do projeto gráfico, foram feitos protótipos em escala reduzida para testes de impressão, de papel e de encadernação, e, principalmente para a visualização da composição dos spreads, das cores e das texturas.

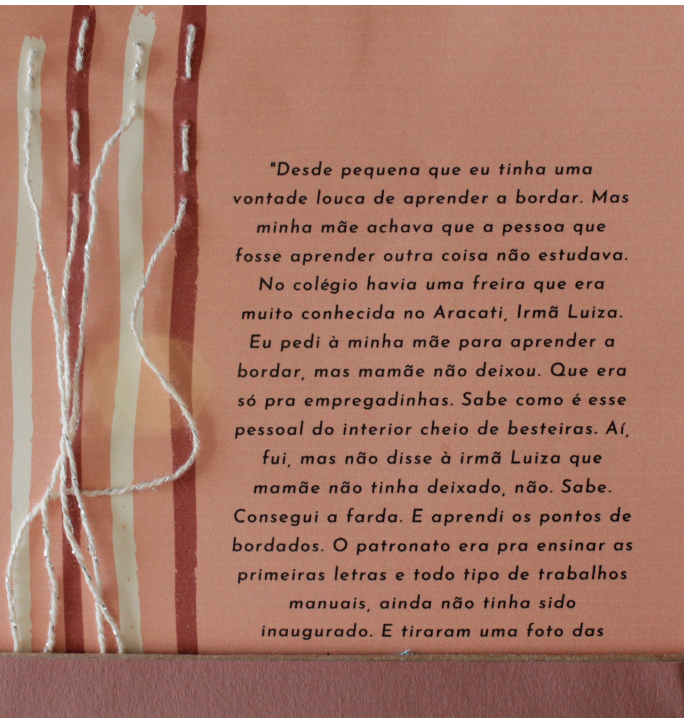
Esses protótipos contribuíram com a experimentação de algumas ideias e ajudaram na tomada de decisão durante a construção do livro. Através deles, por exemplo, pode-se perceber que seria necessário cálculos para dimensionar as dobraduras e encaixes de cada teia. Essas e outras percepções através dos protótipos em escalas reduzidas guiaram o projeto.

Img 85 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Img 86 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

Quando concluído esse momento do projeto, houve a impressão artesanal e caseira de um protótipo em escala real, que também serviu para análise e apontamento de melhorias a serem aplicadas em etapas posteriores.

Neste capítulo, documentamos a criação e a produção do projeto gráfico de um livro-objeto interativo baseado na vida e obra de Nice Firmeza. À luz das metodologias de projeto acadêmicas e do design gráfico, foi possível transformar conhecimento de natureza acadêmica, fundado e identificado na cultura popular, em um projeto de natureza visual e gráfica acessível para diversos públicos e que pôde guardar minhas lembranças pessoais, materializando minha rede de conexão com a artista Nice.



Img 87 • **Fonte: Arquivo Pessoal**

TIPOGRAFIA

Para escolher a fonte que seria usada tanto nos títulos quanto nos corpos de textos, foi levado em consideração o pensamento de Lupton (2013), que diz que na mistura de tipos, é importante explorar um contraste em vez de harmonia, buscando diferenças enfáticas em lugar de transições sutis. “Tente combinar tipos grandes, claros, com tipos pequenos e escuros, para obter um cruzamento de sabores e texturas contrastantes” (LUPTON, 2013, p.50).

Considerando essas informações e o fato de que o corpo de texto de nosso livro-objeto se resume a poucas frases que fazem composição com fotos, cores, texturas e outros elementos, disseminando o foco da diagramação, escolhemos uma fonte legível e tomamos precauções com relação ao tamanho da fonte utilizado.

"Josefin Sans" foi a fonte escolhida para compor o corpo de texto e títulos, por

ter uma variedade de pesos e se adaptar bem à leitura de um texto dinâmico, com interferências de texturas, cores e imagens. Se trata de uma fonte moderna, sem trazer um tom estereotipado para o livro e que proporciona uma leitura clara e confortável. Nos textos, trabalhamos com as palavras todas em caixa baixa, sendo itálico nas citações.

OS SUBTÍTULOS SÃO JOSEFIN SANS SEMINEGRITO

O corpo de texto é Josefin Sans Normal, variando no tamanho das fontes e cores.

"Josefin Sans Leve Itálico para citações em aspas"

JOSEFIN SANS LEVE PARA AUTOR DA CITAÇÃO

Além do aspecto da legibilidade, consideramos importante que o nosso projeto traga elementos que denotem escrita antiga de máquina e o trabalho de escrita manual, com letra cursiva ou traços levemente irregulares. Queremos através dessa irregularidade da caligráfica trazer o conceito de experimental ou artesanal, característica muito presente quando falamos de livro-objeto. Conforme o apresentado, optamos por usar duas fontes em determinados momentos pontuais do livro, como por exemplo na legenda de fotos, dando um ar de feito à mão :

"UA Charles Script"

"Prestige Elite Std"

PALETA CROMÁTICA E TEXTURA

Conforme pesquisas de referências visuais feitas ao longo do projeto, percebemos que as escolhas cromáticas dependem da ambientação, ou seja, do tema da narrativa e a sensação que se deseja passar com o projeto. Foi assim que as fotografias e textos também foram escolhidas para compor o projeto gráfico. Tentamos transmitir os sentimentos da artista em imagens, cores e palavras.

O mundo de Nice é colorido. Um jardim de cores vibrantes que estimulam a percepção e contrastam com os tons neutros e suaves combinando entre sí em uma única peça. Tendo em vista que uma das características mais marcantes no bordado de Nice que tornava seu trabalho diferenciado, era justamente essa variedade na paleta cromática que ela combinava de maneira bastante natural e intuitiva, procurei identificar algumas cores que a representassem bem. Sendo assim, em todo o projeto, utilizamos a paleta de cores retirada de nosso recorte da produção dos bordados de Nice, que mescla cores quentes (primárias e secundárias) com as análogas, sempre utilizando o contraste entre esses tons.

Img 88 • 89 • **Fonte: Arquivo**

Img 90 • **Fonte: Elaborado pela autora.**
Paleta Cromática

Com essas informações, optamos por aplicar cores suaves no plano geral - em backgrounds; imagens e elementos visuais, - para trazer um maior conforto visual e aplicar cores mais saturadas apenas em elementos do cenário que atuem como “acentos visuais”, conduzindo a atenção dos leitores.

Considerando que nosso objetivo com esse livro-objeto é adentrar no mundo afetivo de Nice e propiciar à a exploração deste de forma calma e fluída, a paleta cromática para este projeto foi pensada com o intuito de trazer uma sensação de tranquilidade. Para isso, faremos uso de cores como o azul e rosa, muito presentes em seus bordados e que remetem à uma serenidade, e uso moderado de tons de laranja, amarelo e marrom que se destacam em relação às outras cores e focam a atenção do leitor.

O uso de texturas materiais induz ao toque e fornece ao livro “duas formas de leitura: a da manipulação e a do olhar, cada uma fornece diferentes informações” (ROMANI, 2011). Buscamos utilizar várias texturas no projeto gráfico que se contrastam umas com as outras para potencializar o efeito deste recurso, como por exemplo papeis fotográficos, adesivos e tecidos. A metodologia de intervenção e a exploração sensorial através do tato, olfato e visão, traz de imediato dinâmica no livro e interação com o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresenta uma reflexão visual e sensorial da vida e obra da artísta Nice Firmeza, tendo em vista suas redes de interações e influenciando no universo feminino local. Os conhecimentos adquiridos na exploração de campo, foram capazes de guiar as reflexões dessa pesquisa, a partir das experiências construídas pelo contato íntimo com Nice.

A primeira etapa de aprofundamento do tema e resgate de sua história, foi essencial para alcançar um discurso capaz de refletir o universo complexo de Nice Firmeza e para, no segundo momento, difundir tais concepções refletidas num projeto gráfico e editorial.

Encontrou-se a ampla necessidade de coleta de dados de maneira exploratória, a partir de atividades de campo, para identificar essas redes e suas conexões. O mecanismo de registro das informações coletadas, foi feita por meio de diagramas, diários, ilustrações e infográficos, possibilitando visualizar a importância das conexões dos afetos e saberes das redes desenvolvidas por Nice.

Encontramos no livro-objeto, um suporte de experiência gráfica, que possibilitou um resgate à vida pessoal e artística de Nice Firmeza. Viajamos no seu híbrido mundo feminino e nas suas histórias e formas que compõe essa narrativa. Adentramos nas suas redes artísticas e afetivas e nos apropriamos de algumas formas estéticas vindas dos saberes artísticos de Nice, para então, formular um projeto gráfico. Criamos, a partir daí, num exercício prazeroso, um experimento sensorial projetual gráfico que tem por objetivo a apresentação de um conteúdo rico de natureza visual fundado na arte e na história de vida dessa mulher guerreira cearense como desde o princípio desejamos.

O presente trabalho que resultou num projeto prático e na produção de um produto gráfico final, um livro-objeto ilustrado e interativo, se apossou de diversas ferramentas e métodos da Arte, da Ciência e do Design utilizados na pesquisa através do design, para permitir a sua devida estruturação. Cito, algumas das estratégias abordadas; a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a metodologia cartográfica, a pesquisa de campo e, finalmente, a abordagem projetual; tais foram descritas de forma racional, intuitiva e criativa.

Foi visto, o importante papel que o design gráfico pode desempenhar na socialização e transmissão do conhecimento por meio de suas práticas projetuais, com o uso de imagens e artifícios de organização de informações visuais criando sentido e promovendo associações conscientes de elementos.

Percebemos também, a importância das interfaces visuais como facilitadoras dos processos cognitivos ao melhorarem a visualização e a apresentação dos conteúdos. Mostrando, dessa forma, que o design de informação pode conferir maior acessibilidade do conhecimento às pessoas.

Ao final do processo de produção gráfica, valorizo mais a capacidade do design gráfico como ferramenta de transmissão de conhecimento acadêmico de natureza visual de forma eficaz.

Como afirma Cardoso (2012), o design no mundo contemporâneo e complexo, não é uma área de produção de materialidades industriais, mas é um “campo essencialmente híbrido que opera a junção entre corpo e informação, entre artefato, usuário e sistema.” Espera-se com esta pesquisa, então, aprofundar métodos que abordam as questões de redes e conectividades a partir da pesquisa através do design.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In: BENJAMIN, Walter (org.) Magia e técnica, arte e política. Vol. 1–8ª ed. Brasiliense. São Paulo, 2012.

BRITTO, Ludmila da Silva Ribeiro de. **A poética multimídia de Paulo Bruscky.** 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. p. 134.

BÜCHLER, Pavel. **Turning Over The Pages : Some Books In Contemporary Art.** Kettle's Yard Gallery, 1ª edição. Cambridge, England; 1986.

BURY, Stephen. **Artists' Books: The Book As a Work of Art, 1963–1995.** Scolar Press, 1ª edição. Leicester, England; 1995.

CARDOSO, Rafael. **Design para um Mundo Complexo.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COSTA, Claudia de Lima. **Feminismos e pós-colonialismos.** Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 2, p. 655-658, 2013.

COSTA, Claudia de Lima. **Feminismos e pós-colonialismos.** Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 2, p. 655-658, 2013.

ESTRIGAS. **O Salão de Abril: 1943 - 2009.** 2° Edição. Fortaleza: La Barca Editora, 2009.

FABRIS; Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira da Costa. **Tendências do livro de artista no Brasil.** Catálogo. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007. 222p.

FONTELES, Bené. **NicEstrigas - Arte e Afeto** - Terra da Luz Editorial. Fortaleza, 2014.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo.** Tradução de Mário Pontes; introdução de Frederico Morais. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KENDRICK, Helen Winthorpe. **Enciclopédia do Bordado** - Ambientes & Costumes, Inglaterra, 2009.

LATOUR, Bruno. **Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Slotedijk).** Agitprop: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

LUMPUR, Kuala. **Nice & Estrigas.** Graphic Concepts, Fortaleza, 1998.

MARTINS, Lúcia Lustosa. **Nice pinta e borda... faz arte!** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. **Problematizações feministas à obra de Michel Foucault**. Rev. Mal-Estar Subj. v.7 n.1 Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Maria Socorro. **Nice Firmeza - Professora, pintora ou arte-educadora?** Universidade Estadual do Ceará - Dissertação, Fortaleza, 2001.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** São Paulo: EDSUP, 2010.

PIONER, Cristina; CABRA, Germana. **Mãos que fazem história: a vida e a obra de artesãs cearenses.** Editora Verdes Mares, Fortaleza, 2012.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte.** Revista Arte em São Paulo. nº 6, abril,1982.

RAGO. Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, C. L. e SCHMIDT, S. P. (Orgs.) **Poéticas e políticas feministas.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

ROLA, Efímia Meimaridou. **Um livro para Rachel - De bordar e de viver.** Horto Edições, Fortaleza, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação. Construção da obra de arte.** São Paulo: Horizonte, 2008.

SCHNEIDER, Beat. **Design - Uma Introdução. O Design no Contexto Social, Cultural e Econômico.** Editora Blucher - 1ª edição , 2010.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada. Da ternuria à injúria na construção do livro de artista.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

SOEIRO, Alberto Rodrigues. **Conversas com Nice.** Gráfica LCR, Fortaleza, 2011.

SOUZA, Márcia Regina Pereira. **O livro de artista como lugar tátil.** Florianópolis: Editora da UDESC, 2011.